

As Ânforas

Olga Leticia Gamboa Muñoz e Yolanda Gloria Gamboa Muñoz.

ARRESTE

*Olga Leticia Gamboa Muñoz.
Yolanda Gloria Gamboa Muñoz.*

As Ânforasⁱ

Tradução e Notas: Ana Paula Ricci.
Revisão: Laura Elizia

Direitos autorais reservados a:
Olga Letícia Gamboa Muñoz e Yolanda Gloria Gamboa Muñoz

Título original:
Las Tinajas

Capa:
Eduardo Liron

Diagramação:
Eduardo Liron

Tradução e Notas:
Ana Paula Ricci

Revisão:
Laura Elizia

Este Livro é distribuído gratuitamente por através da licença Creative Commons

[Atribuição-Não Comercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)



AGRESTE

agre.st | revistaagreste.com.br

I

As 3 irmãs Brunildas marcaram a vida do povo. Inumeráveis fofoqueiras tentavam lhes fazer concorrência, mas as simples intrometidas faladeiras, não foram capazes de as suplantar. Às vezes, seu poder era ameaçado até pelos cabeleireiros dedicados individualmente a semear intrigas nas cabeças de seus clientes, contudo a imagem das Brunildas se mantinha forte, transmitindo-se por gerações: respeito e temor por esse trio de mulheres fixas na porta da casa delas, com as mãos na cintura ou sentadas rezando o rosário. Em todo caso, firmes no solo que pisavam, sempre julgando sem piedade os que passavam pelas ruas.

O pior era que não se podia fazer brincadeiras a respeito delas. Certa vez, numa peça de teatro da escola, quiseram contar a história delas. Não deu resultado. As meninas queriam usar os vestidos das avós para representá-las: *Mas são vestidos de festa!* Havia gritado nessa oportunidade Leticia, a perfeccionista, arruinando com estas palavras o ingênuo entusiasmo do grupo. Claro que não foi apenas um problema de vestidos, era falta de respeito fazer teatro com as Brunildas. Era possível pôr em cena a história de Cururoⁱⁱ, disfarçado de gorila para a *Festa da primavera*, ou da Pastora, lavando roupas de bebê na pia da praça, porém transformar em comédia a vida das senhoritas Brunildas não era permitido. Seria como rir de uma de juízas ou santas...

Sua forte presença voltaria a surgir para Marisol, quarenta anos depois da morte de sua avó, ligada a descoberta de uns fragmentos. Durante muito tempo havia guardado a caixa de costura da avó com outras quinquilharias antigas, pois esta herança a fazia recordar as brigas de suas tias ao repartirem os livros de papel de seda. Todas queriam os livros de cozinha, com receitas testadas e não testadas cuidadosamente diferenciadas de bordados com desenhos e pontos, de tecidos. até de meias com dedinhos. Contudo, das notas guardadas na caixa de costura ninguém disse nada.ⁱⁱⁱ Todos os fragmentos encontrados estavam escritos com a caligrafia inconfundível de sua avó, mas sem a ordem dos livros; a maioria tinha sido escrita com tinta, em um papel de carta azul, agora já desbotado. Também haviam notas ilegíveis ou com a tinta completamente apagada. Curiosamente, ao final de todos os fragmentos, aparecia um nome: *As Ânforas*.

De sua avó frequentemente se recordava sobretudo dessa história de querer estudar piano, ser professora e dar aulas. Segundo haviam contado, num dia, feliz da vida

havia dito isso a seu pai, essas palavras em contrapartida, só tiveram como consequência severos castigos. *Uma menina de boa família não poderia dizer uma coisa dessas! Casar-se-ia, claro! Mas de onde havia tirado essa ideia de trabalhar?...* Marisol se lembrava de sua avó lhe contando essa história, mas das *Ânforas* nunca ouvira falar. Nem com palavras, nem com gestos como tratava de se comunicar após a hemiplegia. Seriam reais? Havia imaginado?

Marisol não sabia se valeria à pena deixar tudo de lado e dedicar-se a ordenar estes papeizinhos da avó. Nunca se sabe. É uma aposta. Pelo menos tinha o sabor de ser uma história escondida; a avó por algum motivo a tinha guardado... Além disso, os diversos escritos lhe davam a impressão de formarem parte de uma seção de revista antiga chamada *cartas que não se enviam*.

Bisbilhotando nas notas da caixa de costura da avozinha, como lhe haviam ensinado a dizer desde pequena, nome tão próximo de menininha, velhinha e bobinha, o da avó, parecer-lhe-ia melhor chamá-la assim considerando-a como tal, encontrou um fragmento sem data que dizia: *Conselhos, avisos e ordens das Ânforas*. Mas o resto estava ilegível como se houvesse caído água apagando a tinta.

Em outra nota com data (*sete de outubro de 1950*) estava escrito:

Concluídas as catalogações e classificações. As pedras do rosário devem ser referidas aos começos e aos finais de cada uma. Nunca nomear as três Senhoras.

Quem seriam estas Senhoras? As Ânforas? Por que não se podia nomeá-las?

Impossível saber, mas eram curiosas as coincidências. Em seu povo, tampouco se nomeava as três *Brunildas*; somente o faziam, de vez em quando, seu pai e seu tio Nano. Marisol se recordava como em meio a piadas surgia aquele *cuidado, que as Brunildas não te ouçam!* E, depois, o ambiente ficava livre. Ao menos, os amigos de seu pai reunidos esse dia, começavam a contar a esmo as últimas fofocas em circulação misturadas com piadas, às vezes oportunas e às vezes bem pesadas... Nesse último caso, seu pai lhes adverti sobre a presença das menininhas.

Era melhor continuar remexendo nas notas, pois às recordações do trio de *Brunildas* estavam se mesclando os papéis de sua avó e, se seguisse por este caminho, não poderia descobrir nada, somente misturaria as cartas como se as embaralhasse, porém ignorando qual era o jogo.

Deteve-se num fragmento sem data escrito com caligrafia perfeita e que parecia passado a limpo:

Funções e tempos designados a cada uma não apresentam trocas nem alterações.

As relações entre as três senhoras permanecem um enigma para os outros, até para o pequeno Hermes: o menino adotado. Ao entrar nesse mundo ele não as conhece como realmente são, pois altera as velhas amarras que as unem.

Ao lê-lo Marisol ignora o mistério e se pergunta se um menino sabe que altera relações... Se altera talvez sem saber...? Era a experiência posterior de sua avó que se introduzia nessa nota?

A avó tecia, bordava, como podia guardar esse mundo paralelo? Também cozinhava ainda que *lhe fazia tão mal para o coração o calor do fogão de lenha!* Exclamavam sempre preocupadas sua mãe e suas tias, mas nas visitas aos fins de semana pareciam desfrutar bastante das comidas. A avó preparando os pratos que seriam levados à mesa, as camas onde todos dormiriam, quase não tinha tempo para falar. Às vezes, conversava com os netos... Não sabia se com todos, com ela sim, Marisol, sua neta preferida de olhinhos claros... Também falava com as empregadas, as dela e, sobretudo, com as de seus filhos. Estava sempre informada do que se passava. Às vezes dizia coisas que, segundo estas mesmas empregadas, não deveriam ser pronunciadas diante de uma menina. Eram queixumes de todos os dias: *é um castigo do senhor, sempre se levantar e fazer o mesmo!* Claro que nunca dizia tais coisas na frente de seus filhos. Ademais, os lamentos começaram depois da morte de seu filho maior. Ou foi sempre assim? Marisol era muito pequena e não se lembrava. *Por que o senhor não me levou primeiro?* Dessa frase estava certa; repetia-a depois da morte do tio Felipe.

Da vida da avó, Marisol sabia que havia se casado com 14 anos, *uma menina*. Viveu até os 57, *todavia era tão jovem quando morreu*. As datas e os comentários, escutados por tantas vezes estavam juntos em sua memória. 57 anos era a idade que Marisol também tinha atualmente, que grande coincidência haver encontrado estes fragmentos!... Em certa ocasião havia lido algo sobre o acaso como sendo o encontro entre duas series, alguns diretores de cinema sabiam aproveitar este material, mas não queria falar sobre isso, pertencia a uma parte da qual não se ocuparia por agora.

II

Com a esperança de buscar um sentido para os fragmentos da caixa de costura Marisol tratou primeiro de as ordenar cronologicamente. De imediato, deu-se conta de que a maioria não tinha data. Desiludida pegou dois deles a esmo.

Em um papel amarelo estava escrito: *Ao final, todos estavam convencidos da emanção de paciência e sabedoria das Senhoras*. Na mesma nota, mas separadamente e em um canto, lia-se: *O cansaço foi invadindo suas vidas*.

Em outro papel que outrora havia sido azul também estava legível:

Hermes recolheu alguns detalhes que circulavam antes do acidente... Diziam que as Senhoras começaram por cobrir os espelhos, depois trancaram as pequenas janelas de madeira do grande casarão.

No povoado, porém sua avó não era do povoado, existiam muitas *cahüíneras*^{iv} que faziam estas coisas. Ao final de suas vidas apenas assistiam televisão, mas trancavam as janelas de suas casas cada vez com mais cuidado.

Marisol apesar de se encontrar sozinha exclamou em voz alta: quantas coincidências entre este trio de *Ánforas* e a vida das três irmãs *Brunildas*!

E a seguir sabendo que generalizava perigosamente e como se estivesse conversando consigo mesma disse:

– As janelas se vão fechando quando se quer ou se aproxima a morte. Primeiro, se escolhe a janela mais iluminada, talvez a que condensa o exterior reunindo todas as atenções e energias. Depois se fecham cortinas, venezianas, até trancar todo o contato externo. É uma das maneiras de esperar a morte. Mas esperariam sua morte *as Ánforas*?

Havia algo indecifrável nesta história que não coincidia com o modo comum de pensar, seria melhor escolher outro fragmento, suas mãos se lançaram sobre o que parecia mais diferente. Nele, estava escrito com a letra de sua avó, mas com uma caligrafia tremida desviada para baixo:

São duas as mortas, a que se salva pede que as mortas sejam conduzidas como se estivessem vivas. Tem-se um cuidado especial de as pôr a salvo do alcance dos vizinhos. Todos caminham abraçando as Senhoras mortas como um grupo ébrio caminhando pelas

ruas. Levam-nas com chapéus. Quase não se vê os rostos. Ficam melhor assim, havia dito Hermes. Os rostos haviam ficado tão desfigurados!

Ao voltar à sua casa, a Solitária, única sobrevivente tem a impressão que durante o acidente alguém revistou o casarão.

Marisol ficou surpresa e ensimesmada. Depois de um instante recolheu outra nota completamente diferente da anterior, desta vez a letra de sua avó era cuidadosa e trazia como título aquilo que na maioria das outras folhas de papel estava escrito no final: *As Ânforas.*

O mais admirável é a rigidez das Senhoras. O único movimento é o das contas do rosário entre seus dedos.

Hermes é o único capaz de distinguir suas mudanças de humor reparando nas diferentes maneiras em que o rosário passa por suas mãos.

A partir dessa última nota Marisol volta a recordar seu povoado e o medo que inspiravam as irmãs *Brunildas*. Também eram rígidas mostrando assim, sua força e resolução. As crianças, os loucos e os gozadores, às vezes os bêbados, que eram um pouco de tudo isso, eram os únicos que conseguiam ficar à margem desse poder imóvel; resistiam circulando energicamente e se opondo ao peso morto do trio. Recordava especialmente como a maior delas, impondo suas regras fixas se encarregava de vigiar as meninas adolescentes. Não exercia uma vigilância passiva; caso julgava necessário usava sua língua ferina machucando com seus falatórios, ou mais ainda, com ajuda de sua língua de víbora, despejava ligeiro algum mexerico envenenado etiquetando para toda a vida um determinado abandono de regras.

Marisol recolhe outro dos fragmentos sem data:

Há algo que Hermes nunca se atreveu a contar até depois do acidente. A descoberta do quarto vazio com um grande cavalo de madeira. Contou-nos que uma vez surpreendeu a Senhora baixinha saindo deste cômodo muito agitada. As Senhoras não o obrigaram a calar sua descoberta, somente lhe disseram que já estava muito grande para andar pelo casarão sorrateiramente... Contudo, a partir deste dia seu deambular passou a ser delimitado e seu andar vigiado.

Quem seria este Hermes que contava estas coisas para sua avó? Ela não o escutava sozinha, escreve “nos disse”... A avó ia todos os domingos à missa, algo desta história poderia estar relacionado com estas saídas, mas naquele momento, Marisol

descartou essa possibilidade, pois recordava a avó indo sempre acompanhada. Que notas estranhas! Além disso, sua avó tão religiosa invocando Deus e Santa Maria a todo instante... Por que não utilizava palavras piedosas para escrever? Seria ela quem escrevia? Ou havia alguém que lhe ditava? Quem poderia ser? Quando o faria? As perguntas se multiplicavam e as notas estavam longe de responder às suas indagações.

Escrito com tinta vermelha, em papel de caderno com linhas, lia-se:

Hermes havia querido que sua vida fosse diferente, levar ao extremo um gesto heroico e morrer por ele. E agora o obrigavam a contar tudo. Serei uma peça mais no arquivo de futuras Ânforas, disse-nos tão enojado.

Os arquivos seriam metafóricos ou existiriam em algum lugar? Na oficina de contabilidade do campo onde trabalhava sua tia Laura havia realmente todo tipo de arquivo. Eram peças altas, escuras, cheias de documentos; nesse mesmo lugar e por uma janelinha minúscula, retiravam o salário, a cada quinze dias, os campesinos devidamente limpos e organizados em fila. O contador e sua esposa eram iugoslavos e dona Nelly, a esposa, era muito amiga de sua avó...

Agora recorda como sua mãe e suas tias a admiravam: *tão culta, com outra visão de mundo e como tocava bem piano!* Sim. A esposa do contador poderia estar relacionada com esta história das *Ânforas*. Não lhe havia falado sua tia Graciela do poder de dona Nelly? Diziam que planejavam a vida de seus conhecidos para as mulheres em idade de casar, procurava noivos, para sua própria tia Graciela, haviam eleito esse ruivo alto que tocava piano, Reinaldo, bom partido, fazendeiro, mas não deu resultado. Seus ouvidos haviam recolhido esses comentários desde pequena e teve, talvez ainda tivesse, muito trabalho para aprender a distanciar-se de cada um deles. A expressão *funcionar* [*dar certo, dar resultado*], para medir as relações humanas foi a mais difícil de abandonar... Mas tudo isto era outra história.

Voltando a se concentrar no mundo de sua avó, Marisol vislumbra o campo e a casa em que vivia, havia sido um lugar eleito pelo avô, indo viver e trabalhar nele sem imposição de ninguém. Que participação haveria tido a avó nessa decisão? Poderiam ter partido para Colbún, ali viviam os irmãos e estavam, diziam todos, as terras que lhes correspondiam. Já havia passado tanto tempo desde que o avô havia fugido da casa de seus pais para estudar e se separar dos deveres de primogênito, costume este ainda vivo e enraizado no campo chileno.

Agora era enólogo; tinha se casado com essa moça de San Felipe, a avó, tinham seis filhos, havia pago até mesmo os estudos do irmão menor. Seu destino era voltar a Colbún, mas o avô nunca voltaria.

Totihue, lugar dos deuses, chamava-se o campo onde seus avós foram viver. Foi em 1936 quando ainda era somente Totihue, pois este fundo da zona central propriedade de três donos, seria dividido depois dos anos setenta. A colina da cruz, o caminho das rosas, a vereda da mercearia eram parte das paisagens que Marisol trazia consigo. Confundindo-se com eles e sempre ao longe avistava o avô vestido de campesino chileno, percorrendo os vinhedos a cavalo ou de cabrita^v, como depois que quebrou a perna. Fora da temporada de vindima^{vi}, às vezes o visitavam com suas tias nas adegas e encontravam-no ao lado dos barris, pesquisando sabores, temperatura e fermentação, em tubos que depois, na época do colegial, do liceu, ensino médio, Marisol veria nas salas de química. O avô saía todos os dias de madrugada a percorrer os vinhedos. Às doze em ponto voltava para casa para o almoço. Depois da sesta, partia novamente e regressava às 6 da tarde, justamente na hora em que se guardavam os bezerros. Ao começar o cair da tarde, às 8 da noite, ouvia rádio sem perder uma palavra de um programa chamado *Adeus ao Sétimo de Linha*.

Marisol encontrou essa recordação rotineira da vida do avô não na caixa de costura, mas em sua própria caixa de memória. Eram recordações de ritmo regular e calmo como a própria vida do campo.

Contudo, o que quebrava essa rotina e sempre tinha chamado sua atenção eram os lugares misteriosos de Totihue. Esses proibidos de visitar como o Cruzamento para os Boldos, no qual os cavalos empinavam e via-se corujas e pássaros tuetués^{vii}. Uma vez o atravessou com sua tia Graciela, apesar das constantes recomendações para não o fazer; sua tia ia em um cavalo branco e a levava na garupa, mas ao passar pelo cruzamento o cavalo empinou relinchando e se negando a atravessar. Marisol viveu assim o dia que, quando pequena, considerou uma grande aventura... Passados tantos anos ainda sente a força com que teve que se agarrar, enquanto sua tia obrigava o cavalo a continuar a marcha. Há pouco tempo, recordando esse episódio concluíram que nessa oportunidade deveria haver outras pessoas presentes, *meu pai nunca nos deixaria ir sozinhas* exclamou sua tia, porém curiosamente, ambas tinham se esquecido.

Em Totihue havia outros lugares mais perigosos, desses que ninguém se aproximava mesmo sem advertências ou proibições. O *Risco Valle* era um deles, contavam que nele, ainda havia ânforas de argila dos índios e pedras de sacrifício. Em certa ocasião, sua mãe e suas tias Laura e Estela, já adultas, decidiram subir até esse misterioso lugar localizado entre montanhas, segundo diziam, em uma encruzilhada entre colinas, onde se encontravam quatro riachos. Marisol se lembrava como observou da janela de seu dormitório, junto de sua tia Graciela que foi excluída da excursão porque sempre sofreu de vertigens, essa saída de madrugada. Nunca esqueceu o espanto no rosto de sua avó, que ficou tão impressionada que esteve três dias sem falar. O avô considerou as coisas de outra maneira pediu a dois arrieiros que as acompanhassem.

Marisol sempre revivia essa partida ao amanhecer, os arrieiros pareciam ter tanto medo quanto a avó, mas ali estavam armados, sérios e firmes, com facas e carabinas esperando sua mãe e tias para protegê-las durante a perigosa subida ao *Risco Valle*.

Tantas coisas misteriosas das quais se lembrava em partes; agora iam se somando às notas encontradas. Por isso, foi amadurecendo uma ideia, por fim, tomou uma decisão: recorreria a Anita María, que, claro, pensava tão diferente... Observando o mundo através de sua paleta de adjetivos, contudo era a única que poderia ajudá-la a decifrar notas e recordações, primeiro lhe diria que estava ajuntando alguns dados sobre sua avó e somente depois lhe contaria sobre a descoberta dos fragmentos na caixa de costura.

III

A reação de Anita María foi surpreendente. No começo ficou em silêncio e depois logo disse:

– É curioso, mas perscrutar as recordações da avó me parece quase um pecado, é como penetrar na intimidade de alguém à força.

Marisol tratou de a convencer. Pediu que falasse apenas do que quisesse, seria bom conhecer outros aspectos da vida que levava a avó em Totihue. E prontamente começou a descrevê-la, era a melhor maneira de entusiasma-la.

– Vejo-a durante o dia sempre reclamando. – Disse Marisol olhando fixamente ao longe – Mas entre nuvens vejo também um momento especial ao se aproximar o entardecer, colocava os óculos e se sentava cerimoniosamente a escrever ou passar a limpo suas receitas de cozinha, pontos e desenhos. Parece-me estar vendo uns que eram para bordar lençóis de bebê, lembra-se de quanta vida e esmero dedicava a estes livros?

– Claro que sim, mas quando a casa da fazenda na qual vivia foi inundada, foram levados móveis, recordações, cartas e notas que ela laboriosamente entesourava, respondeu de imediato Anita María, numa linguagem curiosa, como se a avó mesma estivesse falando...

Como poderia ter se esquecido da inundação! Exclamou para si mesma Marisol. Muitas notas dessas misteriosas *Ánforas* devem ter se perdido nessa ocasião, entretanto não queria contar a Anita sua descoberta, por isso falou somente:

– E o que você pensava desse trabalho infatigável fazendo marmeladas, sobremesas e tecidos?

Anita movendo nervosamente as mãos e como que engasgada para contar algo que acabava de acontecer começou a falar sem parar:

– Parece-me estar vendo seus convidados entre os quais sempre se encontrava o padre que vinha realizar a missa de domingo, a qual ela pontualmente assistia. Depois da missa convidava o sacerdote a degustar um cálice de algum vinho selecionado da colheita do avô e um suculento prato, produto das melhores receitas de cozinha. Logo após papear e contar-lhe suas tristezas e problemas de saúde, a avó, como cumprindo uma penitência

depois da confissão, abria essa dispensa repleta de marmeladas e conservas que ela mesma fazia, para presentear-las ao bom sacerdote.

Marisol se pôs a rir somente, Anita poderia ter guardado estes detalhes. Depois de um instante disse:

– A avó não gostava do campo. Queria outro ritmo o da cidade, falava, onde tudo era mais fácil. – Recordo-a nos últimos anos quando comprou uma máquina de tecer, verdadeira revolução para sua época. Contudo, seus filhos, que dizia serem o mais importante em sua vida, pareciam-me considerados um pouco à margem... Como se houvesse outras coisas...

– Eu tinha a mesma impressão. – Respondeu Anita María interrompendo-a, para que vejas como tão pequenas nos dávamos conta dessas coisas. De fato, ainda que soubéssemos por comentários, sempre manteve aos seus filhos divididos, de dois em dois, em diferentes internatos de rigorosa educação religiosa e os visse escassamente nas férias momento no qual, isso deve ter sido certo, os compensava com suas atenções. E, como falando para si mesma, Anita acrescentou: – Apesar da sua frágil presença, seus lábios finos, quase uma linha, seu nariz espigado a delatavam como uma pessoa fria e calculista. Ainda que por conta do trabalho do avô permanecesse constantemente sozinha e dedicada aos trabalhos domésticos havia um exagerado esmero em tudo o que fazia.

– Lembra-se de como nos ensinava? *Alinhavar-coser-bordar/entrelaçar-tecer-arrematar*.

– Sim aprendemos a bordar e tecer com ela, mas ficávamos repetindo seus ensinamentos como se fossem uma canção para rirmos. Costumávamos brincar com suas coleções entre as quais se encontrava a de botões, jamais voltei a ver tal diversidade de tamanhos, cores e formas.

– Também nos fazia rezar o *Anjo da Guarda* todas as noites.

– E no dia, essa poesia de Gabriela Mistral, *Todas iríamos ser rainhas*^{viii}... Essa das três ou quatro mulheres...

– Três mulheres você disse? Não teria algo a ver com *as Ânforas*? – Indagou Marisol impulsivamente traindo seu segredo.

– Que *Ânforas*? – Perguntou de imediato Anita María surpresa.

– Algo me recordou de três mulheres chamadas assim – respondeu Marisol tratando de diminuir a importância.

– Nunca ouvi nada disso, mas recordo as tardes quando a avó se sentava embaixo da parreira junto à tia Violen quem, entre sussurros, comentava as infidelidades de seu esposo em conversas que elas diziam ser somente para adultos.

– Certo era muito apegada à tia Violen, mas não ao tio Pascual que era seu cunhado. A tia Violen nunca teve filhos e morreu nesse acidente na linha do trem, que trágico foi tudo isso e nunca se pode nem tocar no assunto. Foi depois da morte da avó?

– Claro, um pouquinho depois. Também, por este tempo, morreu dona Nelly.

– Coincidências misteriosas das quais estava proibido falar. – Falou Marisol quase para si mesma.

Anita Mariá ficou com um ar pensativo antes de dizer a avó sempre gostou do mistério, o oculto produzia nela uma profunda fascinação. Será por isso que sempre foi boa para guardar segredos próprios e alheios?

– Não me recordo de nenhum segredo. – Respondeu Marisol sem poder evitar um tom de voz interessado.

– Havia tantos a bebezinha da empregada que nasceu no sótão, as histórias do tio Felipe, os romances e infidelidades dos donos do fundo de Totihue, até a vida e história do louquinho das velas. Tudo isso ela sabia com detalhes, mas não dizia uma única palavra, eram as empregadas que cochichavam sobre essas histórias e sempre diziam: *a senhora sabe de tudo e tudo guarda*.

– Nunca soube desses segredos, mas não deixa de ser curioso que ao sofrer hemiplegia, os médicos dissessem que podia falar; parece que ela não queria fazê-lo.

Nesse instante tanto Anita quanto Marisol não quiseram continuar conversando, permaneceram um longo instante em silêncio e, de repente, Anita disse um pouco desanimada arrastando a voz:

– Melhor continuar outro dia.

IV

Marisol quis continuar ordenando fragmentos no dia seguinte, mas necessitava fazê-lo com calma. Ao juntar às notas e recordações, os detalhes agora contados por Anita, tinha a impressão de estar diante de um quebra cabeças para o qual não tinha um modelo, muito cuidadosamente, foi tratando de ler diversos papéis da caixa de costura. Separou quatro, desta vez sem nenhuma pretensão de ordem.

Demonstrar a importância do começo e do fim. Evitar saídas pelos interstícios.

Depois de perceber e semear o germe (ilegível a continuação da frase)

Os enfermos, que estão sob controle, haviam recebido a ordem de agir segundo os pensamentos que tinham.

Os empregados atraem naturalmente o ódio, contudo com a humilhação, o equilíbrio é salvo.

Que enfermos e que empregados seriam estes? Teria relação com as conversas e a constante vigilância que exercia sua avó para com as empregadas? E os enfermos? Agora que Anita María havia se recordado da tia Viole, haveria de pensar que ela também tinha algo a ver com estas notas? De fato, tinha uma quantidade incrível de empregados no campo, nas cocheiras e até na cozinha, era impressionante como uma pessoa de aparência tão frágil como a tia Viole sabia dirigi-los. Além disso, estavam quase religiosas aquelas visitas que a tia Viole com sua mãe já idosa e vestida sempre de café, cumprindo um mandamento da virgem de Carmem, realizavam pelo campo de sua propriedade lá em Colbún. Sua avó também visitava enfermos Marisol tinha a acompanhado tantas vezes por Totihue...

Ainda recordava a pobreza dentro das casas dos campesinos onde as criancinhas estavam sempre rodeadas de moscas, contudo, a dona Nelly nunca vira tratando com empregados nem visitando enfermos. Teria que perguntar a Anita. Começava a sentir que suas recordações se transformavam quando faziam contato com as dela.

De qualquer maneira isso de começo, fim e interstícios escrito em uma das notas não parecia ter relação com enfermos e empregados. Ou teria? Seriam dimensões cronológicas ou aludiriam a algum lugar?

De repente se lembrou de sua mãe e suas tias comentando sobre a mudança que se produziu nos arrieiros, na chegada e saída do *Risco Valle*. Primeiro a proibição inesperada de tirar fotografias e depois a cerimônia com as ervas recolhidas no caminho. As ervas haviam sido moídas em uma pedra de pilão enquanto repetiam: *corta, quebra e mói/ corta, quebra e mói... Muitas vezes e como se fosse uma oração* lhe havia contado sua tia Laura com voz de segredo.

Nesse momento Marisol se deu conta de que sua mania de fazer relações a estava levando longe. Era melhor voltar a se juntar com Anita María quem, apesar das aparências, mantinha os pés firmes na terra.

V

A conversa com Anita desta vez foi diferente, houve uma espécie de acordo silencioso para não se referir à avó, tampouco foi sobre *as Ânforas*, para que complicar as coisas se Anita havia dito nunca ter ouvido esse nome?

– Sabe no que tenho estado pensando constantemente estes dias? – Disse Marisol dando ela mesma a resposta: – No poder das irmãs *Brunildas*. Todos tinham medo de suas fofocas! Cair na boca delas era o pior que, no povoado, poderia acontecer. Lembrei-me do fracasso de nossa tentativa escolar planejada com tanto cuidado de fazer uma peça de teatro sobre elas.

– Já se passaram muitos anos, mas ainda está fresco na minha memória a lembrança do antigo casarão estilo colonial, ao fundo da rua onde viviam; um portão grosso e largo abria espaço a uma segunda proteção, com uma elaborada grade de ferro. A partir dele, já se podia apreciar o jardim central rodeado por galerias e muitos cômodos. Era a casa das *senhoritas Brunildas*, as três irmãs que a haviam recebido por herança.

Assim respondeu com ar solene Anita María; talvez, repetindo sem se dar conta parte da apresentação que, de meninas, haviam elaborado para a peça de teatro.

– Mas eu não havia pensado na casa. – Falou Marisol – Mas agora que a descreve creio que formava parte de seu poder; querendo quebrar a qualquer custo o tom respeitoso adotado por Anita para se referir às *Brunildas*, acrescentou: também tenho pensado no tio Nano na época que foi seu vizinho. Lembra como inventou uma estratégia para se defender e rir delas pelas costas, chamando seu cachorro de “*Não-Dá-Bola*” cada vez que elas apareciam na rua?

– O tio Nano ria até dos mortos...

– Sim, eu me divertia tanto com estas histórias que contava sobre os enterros...

– Mas, estas irmãs eram sérias, dignas filhas de um honrado matrimônio de burgueses de classe média alta. – Comentou Anita María adotando novamente um tom respeitoso.

– Por isso mesmo se sentiam com esse poder de julgar a todos, muitas vezes tenho me perguntado se o fato de eu ter partido do povoado não teria relação com um querer me sentir livre de suas valorações. – Respondeu assertivamente Marisol.

– Você está exagerando, não eram tão terríveis como diz – Declarou Anita. – Se as observasse de perto...

– O problema é que não se conseguia nada ao tentar entendê-las separadamente, atuavam em conjunto. Sua força era essa...

Marisol não conseguiu terminar a frase. Foi interrompida por Anita, que já transportada ao mundo das *Brunildas*, sentia-se possuindo um conquistado direito de falar dizendo com voz de cerimônia:

– Há que se distinguir entre elas lembra da senhorita Inelia? A maior das irmãs alta, orgulhosa, professora aposentada, mulher de retos princípios... Era a que governava a casa como o consentimento de todas... De majestoso porte, severamente vestida de negro, modos comedidos e dignos. Sua inteligência desperta e sua sensatez a faziam frequentemente cair na tentação de se sentir um pouco ditadora. Habitualmente era vista pelas ruas fazendo trâmites legais, bancários ou participando de alguma Instituição Beneficente. Caso me deixo levar nas asas das recordações sempre aparece senhorita Inélia desfrutando da vida social, por isso, não era raro vê-la tomando um chá com alguma dama que considerava de ascendência nobre.

– Mas Anita que te deu para falar assim das *Brunildas*! – Exclamou Marisol entre surpresa e indignada. – E sobretudo de dona Inelia, a pior. Não era um pouco ditadora como você diz era terrivelmente tirana com as irmãs e com as adolescentes do povoado... Nunca esquecerei seus olhos de censura e como ameaçava ter uma lista de todas as garotas que circulavam debaixo dos guarda chuvas, segundo ela, com diferentes homens... Exercia no povo um papel de diretora fascista de escola de meninas, porém causou muitos prejuízos com seus falatórios. Não se lembra?

Anita Maria seguindo o que havia denominado de asas das recordações, pareceu não ouvir a opinião de Marisol. Simplesmente continuou com suas descrições, agora se referindo à segunda irmã.

– A senhorita Amanda, ao contrário de sua irmã maior. – Falou. – Era alegre como uma cascavel, vivaz, travessa e divertida, era a que eu mais gostava, sempre em seus bolsos guardava algum caramelo para as crianças. Permanecia a maior parte do tempo em sua casa, pois se encontrava encarregada dos labores domésticos como cozinhar e manter a limpeza; suas saídas à rua se reduziam a pequenas compras nos comércios do bairro, onde

ela contava com a simpatia de crianças e vizinhos. De fácil viver, dinâmica por natureza, mas muito esquecida; sempre com o molho de chaves preso à sua cintura.

A lembrança de Amanda fez sorrir à própria Marisol. Era a única Brunilda que havia visto sorrir, mas não quis dar terreno à inesperada defesa encarnada por Anita. Por isso, disse somente:

– É certo que Amanda era a única carinhosa com as crianças, contudo lembra que o fazia meio escondida e com medo das irmãs? ... Ademais, estava sempre vestida de café deve ter sido para cumprir algum mandamento da virgem de Carmem,^{ix} confundindo-se com a rigidez das irmãs.

– Viu como você se lembra da pequena e simpática senhorita Amanda? – Disse alegremente Anita María, feliz de haver introduzido uma recordação agradável que pudesse quebrar esta mania de Marisol de analisar as pessoas do povoado em termos de poder e classe social. O mais provável era que Marisol nunca houvesse esquecido que *as Brunildas* a deram como morta, pelo Golpe Militar, no ano de 1973. Era melhor nem tocar nesse assunto, então rapidamente Anita começou a descrever a terceira irmã:

– A senhorita Rebeca, ao contrário, era misteriosa, controladora e rude, religiosa fanática, sempre era vista passeando com seu rosário nas mãos, era de missa dominical e de presença infalível nos funerais. Exibia mantilhas ou xales e dizem que escondia mais de uma história de amor, morte e paixão. Quantos relatos de sofrimento misturados com cínico humorismo circulavam em surdina pelo povoado! ... Todos lhe tinham medo, pois era conhecida por seus singulares poderes para benzer, tirar mal olhado e curar empacho, ofício que realizava com perfeição devido ao seu poderoso olhar.

– Ah, menos mal que uma delas te parecia beata e fanática! Mas as três eram assim, as três juntas, se você prefere. De fato, atuavam como um trio cúmplice propagando intrigas e mexericos... Não se lembra das brigas de Leticia e América quando estávamos montando a peça de teatro? É curioso, mas sempre que se toca no nome delas surge um clima irrespirável e as pessoas acabam discutindo e até brigando.

– Está certo sobre as brigas nos ensaios. Parece-me estar vendo Leticia nos dizendo que não poderíamos representar as *Brunildas* usando os vestidos de festa de nossas avós. Como passeava furiosa mostrando os decotes dos vestidos e dizendo que elas nunca os usariam! Deviam colocar véus de missa!

Parada acima de uma cadeira, América lhe respondia: ridícula! Com essa voz rouca e de superioridade que sempre teve aquela chata, explicava-nos como a peça de teatro sobre *as Brunildas* se desenrolaria dentro de um ambiente caseiro. *Cabia dentro de uma moradia uma caracterização com véus de missa?* E aproveitando para semear a discórdia, América respondia a Leticia de longe e para que todos ouvissem: *decora bem tua parte será a melhor, não será apropriado que te dê novamente o ataque de riso e provoque um escândalo!*

– Não é extraordinário que tenha sido uma das únicas peças que não nos deixaram montar? Nas outras não houve problemas e sempre tínhamos público – relatou orgulhosamente Anita María – Mesmo que tampouco faltassem os que dormiam na metade...

– É que nossas atuações eram intermináveis e nos intervalos fazíamos essas representações das propagandas ouvidas no rádio. *Que lindo bebê! Quem o criou? Maizena Dropa o engordou!...* E aparecíamos com uma tremenda gorda em um carrinho fantasiada de bebê...

Marisol e Anita María riram e continuaram o resto da tarde se lembrando de suas atuações, dos programas feitos um por um e a mão, das poesias que Marisol recitava, para que não cantasse, pois era tão desafinada! E das canções interpretadas por Anta María e Georgina: *eu sei, eu sei, que estás me esperando, esperando...*

VI

Um dia depois da conversa com Anita, Marisol se deu conta de que conseguia ver *as Brunildas* com alguma distância. Essas juízas dos costumes do povo começaram a lhe parecer até divertidas. Claro, essa impressão não significava esquecer sua atuação efetiva; o desejo de colocar o mal onde haviam percebido semeado o germe. Em seguida, passou-lhe uma ideia pela cabeça não seria nada de extraordinário que tivessem sido *pinochetistas*, ainda que dissessem estar acima de todo tipo de assuntos políticos. Marisol deixou esta ideia se transformar em fumaça, já que, se seguisse por este lado iria parar longe do mistério da caixa de costura...

Em seu próprio ambiente familiar *as Brunildas* haviam sido responsáveis por muitas preocupações de seus pais. Por conta do golpe militar de 1973, Marisol se juntou a um grupo de estudantes comunistas que diziam estar preparados para defender o governo democrático de Salvador Allende. Uma semana depois se deu conta de que não havia nenhum preparo, mas essa era outra história... O fato foi que nessa ocasião *as Brunildas* deixaram correr a história de Marisol, morta no Estádio Nacional, com uma faixa no peito... Sem mencionar as tragédias, orações e até missas que esta falsa notícia causou, o curioso do relato era o detalhe da faixa. No povoado durante os anos 68 e 69, seus companheiros de colegial queriam realmente que Marisol fosse candidata a *Rainha da Primavera*; se seus pais houvessem permitido teria recebido coroa e uma faixa no peito, porém eles impediram que carregasse os legados das rainhas do povo: andar na boca de todos. Contudo, as antigas histórias somadas aos novos mexericos não paravam de correr através do “*que dirão*” comandado pela nefasta influência do trio, não era tão casual que a batuta dirigente das línguas ferinas lhe houvesse posto, já morta, uma faixa de terrorista de ultra esquerda no peito.

A cada vez que se recordava das *Brunildas*, Marisol sentia crescer sua curiosidade pelas *Ânforas*. Segundo os fragmentos da avó, também eram três senhoras, mas seriam irmãs? ... Hermes, esse menininho adotado que figurava nas notas se referia, já, ao que parecia adulto aos “*arquivos de futuras Ânforas*” ser *Ânfora* seria um cargo herdado? Indicaria alguma função exercida por elas em sua comunidade? Ademais era

imprescindível saber se estas senhoras viviam no campo ou no povoado, porque ainda que estivessem ao lado a diferença de costumes era gigantesca.

Recolheria novamente alguns fragmentos da caixa de costura, não era má ideia começar a ler agora os que tinham datas; em outra ocasião os havia deixado de lado e poderiam mostrar, quem sabe, algum dado fundamental.

Seis de outubro de 1950.

As três Senhoras, junto à quietude da lava fossilizada.

A repetição do movimento permanece o essencial.

O movimento pensado como a bruma do nada.

O cavalo de madeira, ao contrário, (ilegível a continuação) Necessário para a mãe das Senhoras.

Oito de outubro de 1950.

Conservar as três velas acesas durante três dias.

Cuidado com possíveis inundações.

Evitar encontros com os tuetués.

Dez de outubro de 1950.

Medir sempre até onde se vai.

Atenção à linguagem.

Aí havia conseguido reencontrar uma série cronológica, mas em vez de revelar algo pareciam pegadas de uma maneira cada vez mais hermética. Conseguiu ordenar outras notas que tratavam de água, mas em datas distantes...

11 de novembro de 1948.

Ao chover as ânforas de barro têm a propriedade de guardar água, mas sua função é aprisioná-la, impedir a perda pelo movimento.

8 de julho de 1951.

Situar-se fixamente no solo evita os movimentos, os fluxos; cuidar de possíveis desestabilizações pela água.

Marisol continuou tratando de encontrar uma ordem reveladora. Só conseguiu reunir três notas de 1953, todas de meses diferentes, mas com datas do dia 15. Eram conselhos tediosos, aparentemente sem nenhuma relação com os outros fragmentos. Contudo, o nome *As Ânforas* estava em cada uma dessas instruções. De quem para quem? Por que a coincidência dos dias quinze? ...

15 de abril de 1953.

Talos de cardinal^{ix} para bebês com prisão de ventre.

Palitos de orégano para os orifícios das orelhas.

Matico^{xi} para o estômago.

Casca de romã para a diarreia.

Cálculo de vaca para a artrite.

Perejil^{xiii} (apagada a continuação)

15 de Setembro de 1953

Localizar e reconhecer urtigas e cardos.

Percorrer os sopés da colina (depois da chuva) buscando cogumelos

Distinguir cogumelos (comestíveis e venenosos)

Recolher bostas de vaca e queimá-las nos lugares indicados.

Enterrar as unhas cortadas em uma sacolinha de seda vermelha, em noite de lua cheia

Pôr para secar os cordões umbilicais dos bebês recém nascidos.

15 de novembro de 1953

3 subidas ao Cerro (colina) da Cruz

5 voltas pelo Caminho das Rosas

1 visita a pé –ida e volta – até os Boldos

Todavia, depois de ler esta longa série de instruções Marisol chegou pelo menos a uma conclusão: *as Ânforas* eram irmãs. Na nota de seis de outubro de 1950 mencionava “a mãe das senhoras” mostrando, além disso, que *as Ânforas* eram do campo. Alguns dos segredos da natureza mencionados nas notas corriam também pelo povoado, mas não todos. Ademais, colinas, cogumelos e vacas eram parte da paisagem do campo e os lugares mencionados, já não tinha dúvidas, eram todos de Totihue. Com razão sua avó tinha escondidas estas notas, seu avô era contra superstições, mas nem por isso deixara de usar no inverno polainas de lã vermelha para a artrite dos joelhos e contava surpreso como ao ver passar voando pela casa um tuetué, pássaro de mal agouro, gritou o derrube São Benedito e o pássaro caiu fulminado ao solo.

No povoado era diferente os segredos da natureza se aplicavam em silêncio, pois os médicos não queriam saber dos poderes do perejil e nem sequer do chá para os olhos.

Se o caso era sério se recorria à dona Zunilda e seu jardim, uma orgulhosa senhora indígena, mãe e parte do trio das *modistas*, que sempre tinha a plantinha adequada para a cura. Se o caso era mais grave não restava outro remédio que recorrer senão aos poderes de Rebeca, uma das irmãs *Brunildas*, até Hermes o filho de dona Magnolia e neto de dona Zunilda, ou seja, o filho das *modistas*, inimigas de morte das *Brunildas*, foi bento em uma ocasião por esta *bruxa beata* que era Rebeca. Não foi fácil, o menino Hermes estava muito mal, porém se salvou graças ao poder de uma *Brunilda*. Do que se sabe até hoje esta foi a única ocasião em que houve um encontro entre as irmãs *Brunildas* e as três *modistas*.

VII

De meninas, Anita María e Marisol haviam sido obrigadas a frequentar tanto a casa das *Brunildas* como das *modistas*. Visitavam as irmãs *Brunildas* quando vinha sua tia Elsa, de Santiago. Marisol se lembrava como se dirigiam arrumadas e com algum presente para tomar o chá no misterioso casarão, eram recebidas e cumprimentavam a cada uma das irmãs no vestibulo e logo passavam para um salão, onde se sentavam ao redor de um grande braseiro de cobre redondo. Elas haviam conhecido a avó paterna e, por esta poderosa razão, as portas da casa se abriam solenemente para esta filha de uma conhecida e suas sobrinhas.

Na casa das *modistas*, ao contrário, ia habitualmente sua mãe, mas também sua avó e suas tias que viajavam desde Totihue para fazê-lo, ou seja, o lado materno da família.

Para Anita María ainda persistia em sua memória a recordação maravilhosa dessas ocasiões em que ligeiramente emocionadas chegavam ao povoado, sua avó e suas tias. Como sempre as acompanhava nas compras podia reviver como se fosse ontem o percurso efetuado pelas lojas em busca de alguma novidade. A primeira parada era na loja *Selume* seus donos de origem árabe eram excelentes comerciantes e sempre surpreendiam sua distinta e seleta clientela com novidades recém trazidas do exterior. Na ponta dos pés nos grandes balcões, porque ainda era muito pequena, Anita María podia apreciar a grande quantidade de tecidos de diversas estampas e cores, havia tules, rendas, percais e tecidos de fantasia, mas também sedas e brocados. Para ela, contudo, o tipo mais especial de tecido era o filho do dono da loja; de modos finos como se fosse de seda, nervoso e exagerado em sua atenção, estava sempre deslizando tecidos sobre o balcão e convidando a tocar as mais variadas texturas. Seguindo o percurso, dirigiam-se à *la Moneda*, loja de botões, aviamentos e rendas, todas as peças separadas em um primeiro momento eram submetidas a uma minuciosa escolha, pois tinham que *combinar*, formando o detalhe e acessório perfeito para os artigos já comprados. A meta final era uma verdadeira prova de paciência: a longa espera na casa das *modistas*.

Nas primeiras visitas de Anita María e Marisol às *modistas* simplesmente acompanharam sua mãe, avó e tias, mas no dia onze do mês onze, o mesmo mês que a

avó, nasceu Georgina, e se operou uma grande mudança para as duas irmãs: sua mãe teve um ataque de nervos e nunca mais pode tomar leite. Contrastando com estas tragédias sua avó estava feliz pelo nascimento da terceira neta, veio direto de Totihue para acompanhar sua filha no parto e, sem que se soubesse o motivo, dizem que no hospital exclamava sem parar: *Eu cuido dela! Eu cuido dela!* Ninguém poderia pressentir que Georgina seria a neta mais parecida com a avó...

Marisol e Anita María foram aos poucos se adaptando com esta nova irmã nascida no ano de 1957. Inventavam jogos; balançando o berço como se fosse um balanço e logo, quando já se sentava, passeavam com ela, tomando as pontas dianteiras de um tapete, que arrastavam correndo pelo piso. Era uma espécie de número de circo; Georgina ria e isso contribuía para o êxito da atuação, que acontecia sempre que seus pais iam ao cinema ou a algum jantar do Clube dos Leoneses, mas quando Georgina fez um ano, a vida delas realmente mudou. Levaram-nas com grande cerimônia até a casa das *modistas* e a partir desse dia, acabou-se a individualidade: começaram a vesti-las iguais. Além disso, essas visitas se fizeram constantes e parte fundamental de suas vidas.

Anita María, tomando a iniciativa, disse a Marisol:

– Estive me lembrando das esperas que tínhamos que fazer na casa das *modistas*, sentadas como senhoritas em um acolhedor e cômodo living de sofás e poltronas floreados.

– Sempre havia estado presente para mim dona Tilia, seus alfinetes e o tempo que não passava. – Respondeu de imediato Marisol, que desde alguns dias vinha pensando no mesmo. Era como se as *Brunildas* as tivessem conduzido, naturalmente, à recordação de suas inimigas do povoado, mas se limitou a exclamar: quantas horas passamos nesse living!

– De certo modo minorávamos a espera ao nos dirigirmos à mesa de centro, onde se empilhavam as revistas de moda, com os últimos modelos da temporada – Acrescentou Anita María relatando de forma expressiva e como para si mesma: como folheávamos pacientemente, uma e outra vez cada revista! A finalidade era conseguir ideias e escolher o vestuário que, evidentemente devia usufruir de certa exclusividade.

– Sim, havia a paciência, pensou Marisol, mas principalmente a necessidade de passar o tempo, de preenche-lo com algo ou a mistura de ambas as coisas. Depois de um instante, disse em voz alta: o tempo se detinha e a grande palavra era esperar.

– Não precisa usar nem este tom nem estas palavras. – Disse Anita María. – Era muito simples: esperávamos dona Tilia que, no momento menos imaginado faria uma entrada solene em seu próprio living.

– Sim, nesse living de poltronas com respaldos altos e forrados. Os móveis tinham roupas na casa das *modistas*. – Concluiu Marisol. Mas, em seguida, retomou o diálogo com sua irmã falando – Também me lembro como você que escolhíamos modelos de vestidos nas revistas, mas não sei porque não falávamos, às vezes, apenas sussurrávamos...

– Porque fomos para ver e escutar dona Tilia. – Esclareceu com ênfase Anita María.

– Tem razão, mas não era só isso... Ainda que eu vá te dar o gosto, falemos de dona Tilia, que era respeitada por seu trabalho e, ao mesmo tempo, não era uma pessoa muito querida entre o povo... Contudo, lembro-me dela com muito carinho.

– Eu também. – Concordou Anita María. – Estou a vendo fazer sua entrada no living: pequena, de olhar vivaz, séria e orgulhosa de um ofício que realizava com real dedicação. Tinha gosto elegante, o que fazia dela uma pessoa de prestígio, à prova das mais exigentes damas do povoado...

– Sim, o que não impedia que as más línguas fizessem correr histórias, como esta de deixar, de propósito, alfinetes nos vestidos. Devem ter sido mexericos de outras modistas, porque conosco isso nunca aconteceu. Dona Tilia era carinhosa, apesar de não demonstrar nenhum sentimento. O carinho, parecia depositá-lo no cuidado com que terminava cada peça de roupa.

– Claro era prolixa, detalhista e responsável. – Afirmou Anita María com veemência. – Seus estudos de alta costura a colocavam acima das outras modistas do povoado, coisa que apesar das invejas, ela bem sabia e utilizava em seu favor.

– Mas dona Tilia não trabalhava sozinha. – Falou Marisol. – Estava a irmã, dona Magnolia, e a mãe das duas: dona Zunilda. Como as três costuravam chamavam de *modistas*. Corte, provas e finalizações eram obra de dona Tilia. Mas era dona Magnolia que costurava e dona Zunilda quem alinhavava.

– Dona Magnolia também tinha sob sua responsabilidade atividades como o pesponto, os caseados e a passagem dos trajés. – Precisou Anita María, quem nunca descuidava dos mínimos detalhes. – Você lembra como realizava seu trabalho com uma

mescla de alegria e relaxamento? Parecia cumprir cada tarefa sem grandes aspirações, como se o propósito fosse simplesmente o bem estar de seu clã.

– Eu me recordo mais da mãe, dona Zunilda. – Respondeu Marisol. – Vejo-a caminhando até seu jardim onde havia todo tipo de camélias e plantas medicinais; já velhinha arrastava os pés, mas continuava com a mesma altivez e de cabeça levantada usando seus típicos aros de prata mapuche. Amiúde era criticada porque dizia, sem censura, tudo o que lhe ocorria. Houve um tempo em que lhe havia dado de associar a nossa irmã Georgina com uma serpente!

– Sim e quando Tilia não estava em seu melhor dia, dona Zunilda advertia sem rodeios às clientes: *hoje Tilia amanheceu geniosa*. – Completou Anita María. – Nesse aspecto dona Magnolia se parecia com a mãe, pois sempre demonstrava suas emoções diretas e sem rodeios; seus afetos também emergiam de uma maneira natural e espontânea. Claro que diferente da mãe, aporrinhava as vizinhas do bairro com cenas teatrais desmedidas e sua falta de tato nas conversas agia contra ela, sobretudo quando se tratava de alguma fofoca captada na sala de costuras...

– Ah! A sala em que costuravam olhando até a rua! – Disse com entusiasmo Marisol. – Recordo das janelas, pequenas, mas sempre abertas. Sim, porque viviam em uma casa de tamanho médio em uma rua lateral do povoado, ademais à noite cada cômodo devia transforma-se em dormitório, mas durante o dia a casa era um verdadeiro altar da costura.

– Claro, na sala das provas se notava que dormia alguém... – Começou a dizer Anita María, mas foi interrompida por Marisol, que parecia haver confundido uma simples conversa com um discurso sobre as *modistas* e já não parava de falar. – Era a sala do grande espelho. – Afirmou com autoridade à qual, por fim, passava-se depois da espera. Nessa sala de reflexos cada alfinete ia sendo cuidadosamente colocado, alterando a primeira prova e os detalhes marcados previamente com giz. Contudo, entre cada alfinete, a conversa ia percorrendo os mais diversos acontecimentos ocorridos aos habitantes do povoado. Sim, porque dona Tilia sempre estava por dentro das últimas novidades, mas também da política do país. Elas não se sentiam, como as *Brunildas*, acima destes assuntos, declaravam simpatizar com os socialistas e recitavam de memória, enquanto costuravam, *El canto general* [O canto geral] de Pablo Neruda. Claro que da política do país, passava-se à do povoado e daí às próximas festas que estavam sendo planejadas, os

vestidos mandados fazer, os homens surpreendidos em infidelidades, começando com aquele don Juan de olhar fugidio, que era seu próprio marido.

– Ah! Sim o marido de dona Tilia, um conhecido funcionário da Companhia de Água Potável, de grande consciência social e muito querido por sua disposição para resolver problemas da gente mais pobre, mas com fama de mulherengo e infiel. Segundo diziam os inescapáveis arranjos do povoado devido à infertilidade de sua esposa que nunca pode lhe dar os filhos que almejava... – Passou a dizer rapidamente Anita María, antes que Marisol continuasse.

– Diferente do casarão das *Brunildas*, onde viviam somente mulheres orgulhosamente solteiras, na casa das *modistas* havia dois homens: Hermes, o filho de dona Magnólia, *nunca se soube quem era o pai*, e o gordinho Jacinto, esse funcionário da água potável e marido de dona Tilia que você estava descrevendo...

– Mas a chave do clã das *modistas* era, para mim, dona Magnolia. – Aproveitou para acrescentar Anita María. – Graças a ela se mantinha essa união ferrenha. Sempre satisfazendo às reclamações e pedidos à sua volta, cuidava de seu filho Hermes e convivia com sua irmã, sua exigente mãe e seu cunhado, com o qual sempre foi amável e considerada ao ponto de entendê-lo mais que sua própria esposa e manter com ele uma oculta e perigosa relação que, segundo os contos em circulação pelo bairro não deixava de surpreender...

– Ah! – Exclamou Marisol rindo. – Eram tantas as histórias que corriam sobre as *modistas*. Contava-se até que, de garoto, haviam surpreendido meu pai escondido debaixo da cama de Tilia. Lembro que ele ria muito com este conto, mas de fato nunca o desmentiu e não deixava de ter um medo respeitoso de dona Zunilda, de quem, segundo essa história, havia fugido sem olhar para trás...

VIII

A história de Hermes, contudo, não havia terminado de maneira cômica. Marisol já se havia mudado do povoado e não a conhecia. A possibilidade de a reviver tinha, assim, ficado nas mãos de Anita María, para quem, o rebento das *modistas* foi um menino excessivamente cuidado e se pode dizer que *cerzido* por ela três.

O menino Hermes jamais se sujava e estava sempre corretamente vestido; penteado com gomalina, talvez, por isso mesmo inspirava fragilidade e ternura somente em observá-lo. Um pouco inseguro e hesitante de si mesmo, dava a impressão de ser complicado no seu mundo interior e sempre era visto ensimesmado, mesmo que terminasse resolvendo seus problemas de maneira mais frívolas. Assim o recordava Anita María, como o menino mimado do bairro ao qual pertencia.

Como tal gozava de certos privilégios, podia jogar e competir com seus amigos resultando sempre no ganhador. Quando havia brigas e discussões Hermes tinha uma grande habilidade para se fazer de mediador contando sempre com o apoio feminino, suas travessuras passavam quase inadvertidas: inteligente, diplomático e sensato chegava geralmente onde queria. Rodeado por uma espécie de silêncio conseguia tudo sem nunca levantar o tom de voz. Muito sociável gostava de saudar e percorrer a vizinhança de casa em casa e, em quase todas, era premiado com alguma bolachinha ou guloseima por seus bons modos e cortesia.

Hermes já adolescente cursou sua educação secundária sem sobressaltos sendo um aluno disciplinado de média escolar regular, mas destacado pela sua grande consciência social manifesta em um espírito solidário. Mais tarde Anita María foi testemunha da satisfação de Tilia, Magnolia e avó Zunilda, produto do tão esperado ingresso de Hermes na universidade para estudar licenciatura em História. Todos os pensamentos e conversas das *modistas* se centravam nesse fato; elas sentiam que os ensinamentos dedicados e o carinho outorgado com esmero eram canalizados e retribuídos por um Hermes esforçado e estudioso. Os fins de semana eram aguardados com muita alegria e alvoroço na casa das *modistas* que preparavam uma recepção cheia de atenções; isso ia desde uma boa comida a lavagem e o cuidado de suas roupas até recomendações e

conselhos que cansavam a um Hermes já não resignado a receber tanta proteção, pois havia aprendido a senti-la como controle.

Foi numa dessas tantas viagens que Hermes acometido de uma grave peritonite foi parar no hospital do povoado se livrando assim do assédio das *modistas* e ficando em mãos de uma bonita, alocada e superficial enfermeira, com a qual, a partir de então, envolveu-se em uma apaixonada e, segundo comentariam mais tarde as *Brunildas*, doentia relação sentimental que o deixou preso e sem saída.

De fato, separou-se de sua avó Zunilda quem permaneceria o resto de sua vida sentada ao lado de um pequeno braseiro de ferro queimando torrões de açúcar e batendo energicamente no solo com um bastão. Tilia e Magnolia contavam que depois da partida de seu adorado neto, tornou-se impossível fazê-la mudar sobre qualquer coisa que metia na cabeça deixando pequenino aquele ditado: *mais teimoso que mapuche bêbado*. Logo depois do distanciamento de Hermes deixou de existir sua tia Tilia, da qual até hoje se comenta um fato singular: ninguém podia a vestir depois de falecida, ela que passou sua vida vestindo as damas mais consideradas do povoado se havia ido simplesmente com a camisola do hospital.

Hermes muito contraditório em assuntos do coração não somente deixou a casa das *modistas*, mas abandonou seus estudos e tratou iludido de formar seu próprio lar. Os problemas não tardaram em aparecer, contudo os evitava se concentrando cada vez mais num trabalho que lhe absorvia todo seu tempo. E assim, o destino fez de Hermes um destacado funcionário público do Registro Civil; posto no qual desempenhou sua tarefa com eficácia e êxito trabalhando incansavelmente no manejo de certificados e documentos, registrando nascimentos, matrimônios e falecimentos e transformando-se em uma engrenagem fundamental para a organização hierárquica de seu povoado.

Compenetrado em sua função dirigindo rigorosamente aos seus empregados com um rosto que refletia o orgulho e satisfação de haver arquivado e posto em ordem os múltiplos acontecimentos que a cada dia irrompiam inesperadamente em seu povoado, era visto passando a regressar para seu lar todas as tardes com aparência impecável, o cabelo engomado como em seus tempos de menino e seu terno de corte inglês protegido por umas manguinhas típicas de funcionários públicos. Preservava, desta maneira, os bons modos aprendidos junto às suas mães *modistas*?

Lamentavelmente seu lar não possuía a ordem que Hermes encarnava e implantava em seu trabalho. E *as Brunildas* se aproveitando desta situação fariam correr à boca miúda histórias de esbanjamento, adultério e promiscuidade protagonizadas pela sua jovem esposa atribuindo ao peso de tristezas e vergonhas a saúde deteriorada, a velhice prematura e a cegueira incurável dos últimos dias de Hermes.

Depois de escutar a história sem final feliz que teve o Hermes do povoado, Marisol se dirigiu à caixa de costura e entre os fragmentos sobre *as Ânforas*, tratou de separar todos os que concerniam ao outro Hermes. Não podia deixar de se perguntar se seria coincidência, simples semelhança de nome ou haveria alguma ligação entre esses dois Hermes. Para não entrar num beco sem saída se limitou a reler as notas já classificadas nas que Hermes era mencionado com um menino adotado pelas Senhoras (Ânforas?) ou pela mãe das Senhoras.

Aparentemente, conhece ou descobre alguns segredos, ainda que pareça viver rodeado de um ambiente que não entende. Marisol, dialogando consigo mesma, se pergunta de imediato se essas conclusões haviam sido criadas por sua leitura ou realmente havia se atido aos escritos encontrados. De fato Hermes aparecia em outros fragmentos como se já fosse adulto; contando sobre um acidente e respondendo a alguém que o interrogava (sobre as Senhoras ou sobre algo que ele havia feito? Não estava claro). Só era certo que conversava com sua avó e, ao mesmo tempo, com outras pessoas (a tia Violença, dona Nelly?). Como não queria reencontrar-se novamente com suas próprias conjecturas, Marisol se limitou a escolher entre os fragmentos ainda sem classificação aqueles nos que aparecia o nome Hermes. Encontrou quatro, todos sem data e os ordenou segundo o que diziam, mas não ficou satisfeita: a letra de sua avó era tão diferente em cada um deles!

Hermes havia querido que sua vida fosse diferente, levar ao extremo um gesto heroico e haver morrido por ele. E agora o obrigavam a contar tudo.

Falar agora, dizer tudo (ilegível ou apagada a continuação). Hermes se deu conta de que igual como o trio de suas mães, seu problema era poder guardar silêncio.

Hermes contou que precisamente no momento de seu encontro como o heroico, paralisou-se ao lembrar-se das Ânforas. Talvez, tudo teria sido diferente se tivessem deixado que tomasse forma o quarto trancado com o cavalo de madeira... Mas a vida das Senhoras não podia ser referida a “talvezes”.

Hermes só pode ir repetindo, cada vez mais debilmente, gestos e hábitos que os outros aceitavam como seus.

IX

Cada vez que se sentia rodeada por essa bruma desconhecida Marisol buscava agora a ajuda de Anita María não para compartilhar incertezas, mas para dar voltas às experiências que ambas haviam vivido. Pensou que o melhor era voltar às *Brunildas*, esses fantasmas imóveis na porta de sua casa, observando e comentando tudo o que passava com o rosário em uma de suas mãos constituía uma experiência vivida por várias gerações. Por isso, tão logo a reencontrou, disse-lhe:

– Você se lembra da reza das *Brunildas*? Era uma ladainha cansada que intercalava as fofocas da rua.

Anita sem muito entusiasmo se limitou a dizer:

– Quando estavam mais velhas eram simplesmente as mãos que se moviam, se não fosse por este gesto se poderia pensar que estavam mortas fazia tempo.

Mas Marisol se referia à época em que retumbava sua voz, como as imitava bem seu vizinho, o tio Nano:

Ave Maria, cheia de graça, o senhor é convosco, viste como Ernesto passou bêbado? Bendita és vós entre as mulheres, a mulher do Ernesto sai com outros... e bendito é o fruto do vosso ventre, o irmão está pior, meteu-se em calotes por causa de uma amante, Jesus. Pai nosso que estais nos céus, lá vai de novo a Francisca arrumada como para uma festa, santificado seja o vosso nome, passa viajando a Santiago, livrai-nos de todos os males...

Contudo esse murmúrio monótono de rezar o rosário e sussurrar fofocas, quebrava-se quando passava a Banda Municipal, ainda que fosse para anunciar a morte de algum bombeiro. Acrescentou Anita:

– Você lembra que Manuel havia escrito sobre a Banda?

– Ah! Sim, nós gostamos muito *que pena que se tenha perdido este escrito!* – Exclamou Marisol.

– Lembro-me que se referia ao feio e famoso personagem que a dirigia. Quando anunciava festas a Banda era mais animada e até tocava: *ontem à noite morreu um bombeiro, foram enterrá-lo e lhe jogaram pouca terra; voltou a ressuscitar...*

– Também se podia interromper essa reza/fofoca das *Brunildas* com os jogos, gritos e músicas das crianças e jovens. – Disse Marisol. Para em seguida acrescentar algo que vinha amadurecendo desde a última conversa sobre elas. Havia pensado que entre os adultos só se separavam do peso de sua ladainha ordenadora os que possuíam um *grito de guerra*. – Nós tínhamos um pai com seu próprio grito de guerra, isso deve tê-las incomodado terrivelmente. Éramos uma família diferenciada por esta vibração de: *aaaaaquiiiiiii!* Mas, ao mesmo tempo, era curioso que conhecidas de sua mãe, meu pai e meu tio Nano não as levaram a sério...

Anita María aproveitou para completar:

– Mas eles não levavam ninguém a sério; lembra que Torce-Rabos, do Lions Club, e Fanfarrão, do Povoado, eram títulos que os orgulhavam ao reforçar sua fama de *brincalhões*. Além disso, minha tia Elsa era recebida pelas *Brunildas* por ser mulher solteira e já não viver no povoado.

Como Marisol gostava de complicar as coisas, adicionou:

– Por outro lado não havia ninguém mais respeitador do “*que dirão*” do povoado que meu próprio pai e meu tio; talvez influenciava o fato de haver ficado órfãos tão pequenos meu pai com 11 anos e meu tio Nano com meses. E ainda que tivessem passado sua vida rindo nunca se opuseram, deram o contra, nem atuaram ao contrário do que era respeitado pelas *Brunildas*...

Anita María que durante toda uma vida havia aprendido a se desviar desse tipo de conversa de Marisol respondeu simplesmente:

– Quem lhes declarou guerra foi Pedro, o filho da *beleza do povoado*. Dizem que começou com piadas e brincadeiras, depois passeava pela porta do casarão vestido ao contrário ou ia se sentar na praça a ler o diário *de pernas para o ar*.

– Sim, meu pai se encantava com esta história. – Disse Marisol – Porém contava que Pedro terminou por enxergar todo mundo como encarnação das *Brunildas*, fazendo tocar uns sinos cada vez que saía de seu dormitório; todos deviam se esconder e ele se livrava de ver gente...

– E o mais incrível era que os pais de Pedro seguiam ao pé da letra o que lhes pedia explicando que estava sob a maldição da *Brunilda* Rebeca...

– *As Brunildas* continuavam sendo as verdadeiras juízas dos costumes do povoado. Quem reagia ao seu poder e influência somente o reforçava. – Murmurou Marisol, desta vez, quase falando consigo mesma.

Mas, menos mal que existia setembro e as *Festas da Primavera* durante as quais muitas coisas se permitiam e se podia descansar da pressão do *que dirão*. E foi ao mencionar as festas e como por milagre, que Anita María e Marisol coincidiram em suas recordações sem parar de falar durante toda uma tarde.

Somente *as Festas da Primavera* permitiam concentrar na praça do povoado toda gente sem distinções nem diferenças. Encontravam-se, cara a cara, ricos, pobres, políticos, beatos, ateus, crianças e anciãos. Aos personagens típicos do povoado se somavam loucos, lúcidos, bêbados, sóbrios, tímidos e os indispensáveis figurões. Nesse dia bem cedo ocorria a peregrinação do Prefeito e autoridades devidamente acompanhados da Banda Municipal se dirigindo ao cemitério para homenagear os cidadãos ilustres do povoado já mortos.

A Banda era uma atração por si mesma, dirigida por um magro e feio maestro de orquestra que ao som dos acordes ia sofrendo uma grande transformação. Todos se esqueciam por um instante de seu pouco gracioso aspecto, pois este singular personagem alto com dentes de ouro e grossas lentes escuras fundo de garrafa dava lugar a um dançarino que corrigia desesperadamente os erros de seus decadentes e desafinados músicos. Mais de um campesino ao vê-lo insinuava uma semelhança com o diabo devido à sua altura e nariz aquilino, mas sobretudo por sua eufórica dança na que sobressaíam suas pernas magras que já não se entrecruzavam torpemente ao compasso da batuta, mas ascendiam em uma espécie de levitação.

Ao começo da tarde irrompia a música em uma praça exageradamente iluminada adornada especialmente a ocasião, toda gente provida de *chayas*^{xiii}, serpentinas e balões se reunia e girava ao redor da fonte esperando a ansiada aparição dos carros alegóricos que, pouco a pouco, iam fazendo sua entrada triunfal. Cada bairro e instituição apresentava um carro diferente seguido por seu respectivo bloco^{xiv}. Nem sempre as instituições tinham a honra de apresentar o carro mais fulgurante.

Geralmente as populações mais pobres representavam divertidas cenas do cotidiano que eram as mais aplaudidas pelo povo, a característica principal de cada bloco era marcada pela espontaneidade e originalidade das fantasias que eram improvisadas e

criadas com o que cada um encontrava à mão. Assim foi com o Cururo, em uma das mais recordadas festas, arrancou a casca de uma palmeira da avenida principal, cobrindo com ela seu corpo e ajudado por seu robusto físico teve um êxito memorável como o grande gorila da praça. Também foi muito comentado o caso de um Prefeito que apareceu com fraldas e chupeta fantasiado de bebê e conduzido em um carrinho por sua fraca e débil esposa.

Cada setor apresentava sua rainha que nem sempre era eleita por seus atributos físicos, podiam ser candidatas e de fato o foram a garota que esteve acorrentada por dois dias à fonte da praça em protesto contra a poda das idosas árvores da avenida principal do povoado, ou a única sobrevivente de um fatal e trágico acidente a caminho da cordilheira; também a que viajou com sua mochila ao estrangeiro para conseguir um autógrafo de um famoso cantor da época, e a menininha que vestida rigorosamente de negro com um lenço vermelho no pescoço marchou encabeçando fileiras com militantes de uma frente revolucionária, deixando perplexos e surpresos seus tradicionais e agoniados pais.

Não obstante a singularidade de cada história era apagada quando as rainhas passavam a formar parte do assunto das fofocas e falatórios do povoado durante o resto do ano. As horrorosas línguas ferinas faziam sua própria festa comentando como uma das rainhas havia escandalizado a gente decente por seu pronunciado decote ou como o diretor da Câmara do Comércio havia investido não apenas comprando os votos para a eleição de sua filha, mas também a havia submetido a uma vituperada depilação, para acabar com os comentários que a apontavam como mulher barbada.

As festas culminavam com chave de ouro em um desenfreado e permissivo baile oficial e somente a partir do dia seguinte, quando tudo voltava à normalidade, reapareciam *as Brunildas* para censurar e tratar de impor novamente suas rígidas regras morais. Nesse momento; como querendo continuar com a alegria dessas festas, disse Marisol:

– Lembra que em um desses carros alegóricos vinham uma vez três mulheres fofoqueiras? Todo mundo dizia que eram *as modistas*, mas tenho certeza que pensavam nas *Brunildas*, só que ninguém se atrevia a dizer uma coisa dessas.

– Tem razão! – Exclamou Anita María – As máscaras usadas eram muito parecidas às das três irmãs e a música de fundo que traía o carro era:

A fofoca, a fofoca, a fofoca vai crescendo,

A fofoca, a fofoca, a fofoca arrebitou.

Interrompendo a canção de sua irmã, Marisol indagou:

– E as nossas fantasias?

– Nunca as esqueci! – Comentou rindo Anita María.

Mas Marisol, sem considerar o riso de Anita continuou dizendo de imediato:

– Tardei em me dar conta, porém hoje penso que marcaram minha forma de ver a vida. Não apenas porque nos vestindo como um casal de velha e velho bêbados abandonávamos os ideais de nossas colegas de escola: princesa, fada, bailarina... Mas também porque nos permitiu conhecer dimensões inesperadas dos outros; a maldade e violência dos *meninos de rua*, esses *guris* que nos seguiam e me atiravam pedras dizendo a você: *defende a velha, seu velho maricas*... Também pudemos desmascarar muitos pretendentes, que sem imaginar que éramos nós, mostravam outra cara, outra forma de falar... Comportando-se na maioria das vezes de uma maneira quase sórdida com essa divertida dupla de velhos bêbados do povoado em que nos transformávamos.

– As máscaras ajudavam, porque eram incrivelmente cômicas. – Acrescentou rapidamente Anita María. – Ademais alterávamos o corpo com almofadas e relevos exagerados, o que tornava impossível que nos reconhecessem...

X

– Setembro foi sempre um mês mágico. – Suspirou Marisol. – Os aromas^{xv} floridos, a festa da primavera, os rodeios, as festas patrióticas, o dia do povoado e as pipas^{xvi}... Que segundo minha tia Graciela encantavam minha avó.

Anita María havia continuado ruminando sobre a história de sua avó e por isso, disse de imediato:

– A avó foi para mim um enigma e uma constante contradição, seus olhos resplandecentes, mas com um brilho triste pareciam se desculpar por continuarem brilhando em um rosto que se desmoronava por sua delicada saúde de aparência fina e singela, sempre concentrada em seus sofrimentos, desventuras e desejos insatisfeitos, aparentemente mais vítima que mulher forte, efeito que ela trabalhava para seus propósitos...

Marisol também havia continuado pensando na vida da avó e por isso lhe respondeu rapidamente:

– Você tem razão ao descrevê-la assim a avó chegou ao final de sua vida de 57 anos como uma flor “murchinha” ou uma pipa estrelada contra a zarzamora^{xvii}. O que para mim ficou gravado foi essa história da *toalhinha branca, da humilde mesa onde compartilhamos o pão familiar, toalhinha branca, feita pela minha mãe em noites de inverno...* Tinha que correr a desligar o rádio se o tocavam e estava proibido cantá-la. Os adultos nos haviam advertido que ao ouvi-la, a avó lembrava de sua mãe e poderia morrer do coração. Por isso mesmo, aposto que todos os netos a sabiam de cor. Tamanha impressão nos causava de pequenos, essa canção^{xviii} com poderes de morte...

Anita María sempre revivia os fins de semana e festejos na casa da avó e sobretudo, a almejada hora do almoço familiar. Claro, tinha que reconhecer a força dessa divisão entre adultos e crianças, a qual se referia Marisol. Nos almoços se impunha a severidade e privacidade dos adultos que não permitiam em suas refeições a intromissão de menores; por esse motivo o almoço era organizado por turnos. Disse para sua irmã e, no mesmo instante, começou a descrever, como se estivesse desenhando a preparação da mesa:

– Eram instalados mesas e bancos debaixo de uma parreira densa, que contudo, permitia a passagem do sol e beirava a galeria do casarão, assim, rodeados de coloridos e vistosos gerânios, nos sentávamos em uma grande mesa improvisada ou na *mesa del pellejo*^{xix}, como pejorativamente era nomeada por nossos primos. Mas a divisão em turnos.

– Exclamou de repente. – Não era um castigo, recordo-a como um privilégio.

– Claro, era uma festa para nós, mas os turnos eram feitos para o descanso dos adultos... – Acudiu a dizer Marisol antes de ser rapidamente interrompida por sua irmã que lançando mão de todos os sentidos tratava de reviver esse longínquo momento.

– Na *mesa del pellejo* os aromas de canja de galinha e o ar morno com fragrância de flores, mesclavam-se com sons de risadas, tilintar de talheres e gargalhadas, formávamos um grupo barulhento que enchia de alegria o jardim, cutucões e chutes por baixo da mesa, brincadeiras e até guerra de migalhas marcavam uma cena amiúde vigiada por alguma babá ou vizinha que assessorava a avó diante de tanta bagunça; qualquer comentário ou olhar de reprovação terminava com um lapidar coro infantil: delator/alcoviteiro/cinco pães e um boné.^{xx}

– Sim, mas você descreve as ocasiões em que nos reuníamos os onze netos. – Disse Marisol. – Se o número era mais reduzido tínhamos que respeitar seriamente as regras dos adultos.

– É certo. – Concordou Anita María. – Além disto, esta situação se mantinha até que algum destes comensais infantis alcançava uma idade suficiente para se transferir para o denso turno dos adultos terminando desta maneira com um tempo de feliz convivência.

Marisol recordou como antes da invasão dos onze primeiros netos a Totihue, havia ainda mais regras.

– Meu pai me contou uma vez que quando visitava sua noiva, minha mãe, tinham lhe impressionado o comportamento à mesa, somente meu avô falava depois de o escutar, podiam falar os filhos homens, mas as mulheres só o faziam se meu avô lhes dava a palavra.

Anita María preferiu mudar de tema e recordar com nostalgia o velho muro de tijolos que protegia o casarão detrás do qual existia um corredor abandonado, lugar de encontro com seus primos. O muro se situava perto da acéquia na qual se refrescavam durante os calorosos dias de verão. Mas só disse a sua irmã:

– Lembro-me do lugar onde preparávamos tortas e confeitos de barro para servir às “visitas” quando brincávamos de casinha.

Marisol exclamou:

– Ah! O corredor de bananeirinhas da Índia, ao qual se passava pelo pátio de pêssegos!

As lembranças de Anita María a tinham levado rapidamente a outros lugares do casarão e agora falava veemente:

– O avô nos havia permitido ter também um poteiro, onde levávamos pipas quando batia o vento de setembro.

Marisol, animada pelas recordações, concordou de imediato:

– Ah! Sim! Que alegria quando partíamos para Totihue com um táxi cheio de pipas! Na nossa chegada todos cantavam: *chegou do povoado o Chaguito e sua parceira/ abanando a todos nós com suas tremendas orelhas/ parapapán chipun, chipun/ parapapán chipun, chipun...* E em seguida se formava uma fileira de primos para que meu pai pusesse fio em cada pipa. Ele media seriamente com *cuartas*^{xxi} e dedos, depois perfurava a pipa com palitos de fósforo; a chave para levantá-las alto era saber a distância em que se deviam amarrar os fios; também a quantidade de cola que devia ser colocada com exatidão, conforme o tamanho da pipa. Seguindo cuidadosamente esse ritual só restava empiná-las e pouco depois, pipas de todas as cores invadiam o céu se elevando em alturas surpreendentes, caíam-se, imaginávamos lugares longínquos e misteriosos nos quais devia haver acontecido sua aterrissagem...

Anita María, talvez, da mesma maneira que na época de infância, sentiu que devia trazer sua irmã a terra, por isso tratou de acrescentar:

– Isso era para evitar os ataques de choro daquele que perdia uma pipa...

Marisol ficou sem opção.

– É certo. – Disse. – Deve ter sido uma ideia consoladora inventada pelo meu pai, quem com todo esse público aproveitava para fazer discursos nos advertindo sobre a importância de competir honestamente; ganhar ou perder era só um detalhe. Contudo, revisava as latas ou carretéis de linha, pois sabia, por experiência, que nunca faltavam os *meninos maus* que punham vidro moído na linha para cortar as de seus outros companheiros de brincadeira.

Anita falou com veemência:

– Uma coisa era o discurso do meu pai com seu inescapável ditado *brincadeira de mão, brincadeira de vilão*; outra coisa é o que realmente acontecia já que esse potreiro era, além disso, o lugar predileto para a almejada guerra de maçãs preparada com trincheiras de dois grupos, formados com batalhões equilibrados e de acordo com a resistência física. Ainda que sempre o mais Valente e ousado terminasse chorando com mais de um hematoma no corpo...

– Corríamos também dentro de sacos de batatas e jogávamos com uma corda. – Continuou recordando Marisol. – Não por isso, eu lembro sobretudo da corrida que sempre ganhávamos a de dois com o pé amarrado... Contávamos 1, 2, 3 e já... E, como coordenávamos os movimentos por igual éramos imbatíveis.

– Verdade. – Respondeu com entusiasmo Anita María. – Até ganhamos uma dessas corridas no Liceu... Mas quando não estavam os primos era bem diferente...

– Claro quando íamos ao campo, nós duas ajudávamos a avó dando comida aos frangos, buscávamos ninhos de galinhas chocas nos poteiros, comíamos o ovo das 10 da manhã, recém posto e cacarejado, e se era inverno comíamos também burrito essa mistura de mel e farinha torrada...

– Ademais – Interrompeu Anita María – Perto do ensolarado dormitório da avó ficava uma salinha muito pequena. Nesse cômodo éramos confinadas depois do almoço, para uma sesta obrigatória, já que a avó temia que atravessássemos o portão na hora em que passavam os inquilinos e forasteiros que vinham trabalhar no fundo. Nesta sala eram guardados livros e revistas antigos que outrora haviam pertencido a minha mãe e tias. Você desfrutava lendo para mim os apaixonantes relatos e aventuras que continuavam de um livro a outro, enquanto isso eu preferia desenhar, estampando em algum papel cada uma dessas histórias, por isso acabamos agradecendo, cada vez mais, esse descanso obrigatório.

Com um sorriso mal dissimulado Marisol completou as recordações de sua irmã:

– Os relatos e aventuras que te lia eram histórias de uma revista chamada *El Peneca*^{xxii}, já que minhas tias tinham toda a coleção. E as novelas, eram as de Emilio Salgari^{xxiii}: *O leão de Damasco*, *O capitão Tormenta*. Mas tudo isso havia passado pela classificação prévia de minha mãe e tias. Escolhiam-nas na Biblioteca que estava no salão com vitrola onde estava a chaminé e os adultos jogavam cartas, de modo que ao cômodo de descanso cuja janela dava de frente com a figueira, levavam somente revistas e livros

que as meninas podiam ler. Um dia uma novela que já haviam opinado ser aconselhável apenas a adultos lhes escapou: *O Morro dos Ventos Uivantes*. Como me dei conta do erro o escondi e, todas as noites, lia um pouco com a luz de uma vela a guardando depois debaixo do colchão. Foi o livro mais misterioso e emocionante que nesse tempo caiu em minhas mãos...

XI

– Desde quando se arrastava essa marcada divisão entre adultos e crianças? Já minha mãe recitava uma poesia. – Recordou Marisol ao parecer seu refúgio infantil, na qual repetia a expressão: *Que tragédia ser menina! Declamando uma série de proibições: a tinta, porque mancha; a água, porque molha; os fósforos, porque queimam.* – Mas, ela continuou usando e mantendo conosco a força dessa hierarquia. Além de sermos pequenas éramos mulheres e tínhamos que ser educadas como senhoritas. – Marisol permaneceu um instante em silêncio, depois adicionou:

– Sem esquecer nossa situação privilegiada se comparada com as *meninas “pé de chinelo”* do campo...

Anita María concordou com sua irmã sobre o infortúnio das meninas campesinas.

– É certo, lembro que, vizinho a casa, vivia Juan Abarca, um esforçado e fiel trabalhador do fundo que era o ajudante mais próximo do avô viúvo responsável pelo cuidado de suas três filhas mulheres, conhecidas como *as Abarca*. A maior das filhas era a Chayo; a avó amiúde lhe mandava lavar a roupa maior, como lençóis e toalhas. Estou vendo como a Chayo, logo após ferver a roupa no fogo, em grandes recipientes de latão, estendia-a ao ar livre. Lembra como entregava a roupa na mais bela brancura? E tudo isso em troca de algum dinheiro ou revistas de moda daquela época. Leontina, ao contrário, de aparência tosca e masculina preferia se dedicar aos trabalhos pesados como a instalação de trancas e a criação de animais, trabalho facilitado graças à sua robusta compleição.

– Certo. – Assentiu Marisol recordando com certa dificuldade, Leontina era quem enfrentava o dia a dia por isso vinha ao amanhecer ordenhar e nos passava pela janela do dormitório um *copão* com leite recém tirado da vaca. – Deve ter sido terrível para Juan Abarca ter tido que cuidar de três *meninas*, ainda que depois elas cuidassem dele. Não conheci ninguém mais machista que os campesinos, consideravam que as mulheres não eram feitas para o trabalho do campo e...

– Três meninas e a morte de sua mulher foi o alto preço que teve que pagar Abarca... – Murmurou misteriosamente Anita María antes da rápida resposta de Marisol.

– Claro, agora me lembro como os outros campesinos se referiam a Juan Abarca pondo a

mão na boca, alguns se benzendo fazendo o sinal da cruz ou murmurando sobre algum pacto com o diabo. – Marisol completou rindo e os imitando.

– Era o contrário! – Exclamou seriamente Anita María. – Os sofrimentos deste trabalhador foram por se negar a fazer um pacto. E de uma voz de menina assustada surgiu inesperadamente um relato: *Juan Abarca costumava assegurar haver tido uma experiência direta com o diabo. Uma escura e terrível noite, o maligno lhe apareceu entre trevas e do nada, rigorosamente coberto por uma capa negra; era magro e alto com um Carvalho, com longas pernas que terminavam em uma espécie de cascos. Seu nariz era curvo como um bico de águia e possuía um olhar de fogo que espantava os homens, pois este anjo caído tinha a capacidade de atravessar paredes, matagais, árvores ou qualquer obstáculo que encontrava no caminho, como se fosse imaterial. Abarca contava como o diabo o convidou a encontra-se em uma colina, sabendo das difíceis necessidades econômicas que estava atravessando e com a astúcia de um agiota, lhe ofereceu riquezas, incitando-o a firmar um pacto de sangue em troca de entregar sua alma. Com um ar perverso e zombando do campesino o diabo deixava entrever uma dentadura resplandecente com lampejos de ouro, que desenhavam um malicioso sorriso. Quando Abarca voltou a olhá-lo, este já havia desaparecido deixando sua pata marcada no solo.*

Marisol ficou surpresa com esta narração séria e minuciosa de sua irmã ao parecer guardada secretamente durante toda uma vida. Por isso fingindo naturalidade prosseguiu:

– Eu também me lembro de alguns comentários que faziam os campesinos de Totihue sobre o diabo; sua semelhança com um grande pássaro, sua altura de quase três metros, seu casaco comprido, sua capa e suas aparições à meia-noite.

– Não eram simples comentários. – Retrucou Anita. – Eu ouvi esse encontro da boca do próprio Abarca quando confessava a meu avô como temia a possibilidade de uma nova aparição. Nunca esqueci como repetia: *cuidado seu Vito, porque o maligno está oculto e farejando qualquer inconfessável e obscuro desejo!*

Marisol sentiu a presença e temores de Anita María menina, quase um eco dos persistentes pesadelos sobre o *fim do mundo* dos quais tantas vezes teve que consolá-la. Por isso, desviando a conversa para *os Abarca* disse: – Mas, falta-nos a Lola, a menor das três *meninas!*

Anita María recordou como o pai e as irmãs cuidavam com esmero da Lola. Quando chegava a invasão de primos e visitas à casa da avó, disse, como se fosse uma grande coisa, permitiram que a Lola fosse ajudar, mas só um instantinho.

– Ah! Sim! – Respondeu Marisol. – A Lola era bonita e servia a mesa como se estivesse dançando. Mas dessas três mulheres pobres do campo, certamente que ninguém se lembra... Ainda que, pensando bem, sabiam muitos segredos sobre os patrões e Chayo, a maior, conhecia todas as histórias do fundo, era uma verdadeira memória oral. Recordo minha avó as visitando quando alguma delas caía doente. Acompanhávamos a ela e algo lhes levava, não sei se planta ou remédios, só que agradeciam como se minha avó fosse uma santa. Ficou-me gravada a imagem de Chayo, pálida, deitada em um estrado com pés, no meio daquela pobre habitação de tijolos e com piso de terra que era destinada aos inquilinos do fundo. Nessa época se dizia que os campesinos da zona central eram privilegiados; podiam até plantar...

Anita María que havia se acostumado a não dar asas a esse tipo de análise de sua irmã se sentiu, contudo, obrigada a dizer:

– Lembro que com o dinheiro pela venda dos móveis presenteados pela minha avó depois da inundação, *os Abarca* mandaram a menor, ou seja, o futuro da família, a tentar a sorte na capital. Mais tarde soubemos que suas irmãs comentavam orgulhosas que Lola era artista, e havia mudado o nome para *Mariela, a tigresa*, como era apelidada em suas atuações.

– Enquanto viveu em Totihue – Continuou Marisol. – A Lola andava com o filho do patrão que vinha nas férias e alguns fins de semana para andar a cavalo, disse me lembro e dos rostos de reprovação das outras empregadas, cochichando sobre Lola na cozinha. Muitos anos depois, quando Lola já se tinha ido como artista a Santiago, ouvi um comentário dos adultos sobre os nove abortos que já fizera Lola e como alguém, não sei se um médico, havia dito que poderia morrer, porque o útero estava como casca de cebola...

E sem saber porque foi nesse momento que Marisol decidiu que não podia continuar escondendo de Anita María a história das *Ânforas*. Com voz calma começou a revelar sua descoberta:

– Anita há algo que não te disse. Lembra da caixa de costura da avó? ...

E assim lhe foi contando o que havia encontrado e conjecturado da história das *Ânforas*. A reação de Anita María foi como sempre, inesperada. Depois de escutar

atentamente até o mais mínimo detalhe, leu com cuidado a maioria dos fragmentos encontrados na caixa de costura e, sem dizer uma palavra foi embora da casa de sua irmã e não deu notícias durante três meses.

XII

Passado esse tempo de silêncio que para Marisol pareceu eterno, Anita María surgiu em um dia como se houvessem estado conversando na tarde anterior e, sem dar a mínima explicação sobre sua ausência, relatou:

– Eu sei quem teria a chave para resolver essa história das *Ânforas*: minha mãe. Claro que se, todavia, estivesse viva, haveríamos tido que arrancar o que sabia com saca-rolhas, pois tinha, com minha avó essa responsabilidade de guardar segredos com sete chaves...

Marisol se limitou a acrescentar:

– De fato minha mãe nunca quis falar sobre o mistério que rodeava determinados objetos que as mulheres da família herdavam com orgulho e repartiam durante sua vida.

– É certo. – Confirmou Anita. – Lembro que minha avó presenteou com três medalhas às suas três filhas maiores; uma de platina para minha mãe, outra de ouro para tia Estela e uma de prata para minha tia Laura. Lembra que sempre perguntávamos porque minha tia Graciela, que era a quarta filha, não havia recebido uma medalha? Mas esse não foi somente um comportamento inusitado de minha avó, minha própria mãe repartiu seus adornos de uma forma largamente planejada: os de platina para você, os de ouro para mim; as pérolas e a medalha da avó para Georgina.

– A mim entregou há muitos anos atrás. – Relatou Marisol. – Um broche que tem as três letras do meu monograma. Expliquei que meu modo de vida não tinha muito a ver com um objeto desses, mas me respondeu seriamente: *Guarde-o, foi-me dado pela minha mãe e algum dia, talvez, aprecies o que simboliza*. Muito tempo depois contei a ela que havia usado o broche numa ocasião especial; ficou muito contente, mas nunca mais tocamos no assunto.

– A propósito da divisão em três partes um dia desses encontrei Georgina e lhe contei que estamos escrevendo sobre minha avó que você havia descoberto umas notas... Acudiu a dizer Anita María, antes de ser interrompida pela pergunta de Marisol:

– Ah, sim? Qual sua opinião?

Limitou-se a nos fazer uma advertência, disse ironicamente Anita María:

– *Cuidado com falar mal de minha avozinha!*

Fez-se silêncio. Porém Marisol retomou em seguida o fio da conversa anterior continuando:

– Não esqueça que tampouco entendemos porque minha mãe lhe presenteou com aquela *anforinha* de ouro para o aniversário de 15 anos de Javiera, sua neta maior, justo quando já haviam nascido suas três primeiras netas.

Anita María respondeu com voz emocionada:

– E isso porque você não sabe o que encontrei ao abrir a caixa de cartas de minha mãe. Continha, como sempre nos havia dito, as cartas que enviava a meu pai, quando estavam noivos, mas também outros escritos. Um era uma carta de seu avô de 30 de julho de 1946, enviada quando ela começou a trabalhar.

Marisol sem poder se conter exclamou:

– Ele mesmo que castigou a sua filha por dizer que gostaria de ser professora de piano e que obrigava a minha mãe a ler as cartas que recebia quando solteira em voz alta, na hora do almoço e na presença de todos! Nunca suportei o bisavô, e pensar que me obrigaram a presenteá-lo com uma toalhinha bordada que me custou tanto fazer! E que diz a carta?

Anita María leu um trecho imitando a voz rouca do bisavô:

– Se você semeia a semente de uma flor sabes que esta lhe deleitará com suas pétalas e perfume dentro de poucos meses, mas se você planta uma laranjeira, será seu cuidado de muitos anos para que te dê fruto. Assim em outra ordem da natureza alguém vê uma criatura, a qual demora muitos anos em vê-la crescer e apreciar seu juízo. Eu nunca pensei ver vocês grandes e me comprazer por mim e em especial pela minha filha, sabê-los eficientes e com uma moral digna dos ensinamentos que seus pais lhes deram. Seu presente é para mim motivo de especial consideração, sabendo que de teu primeiro salário recebido na luta pela vida tenha destinado parte dele para um agrado aos seus avós. Ao agradecer por mim e por tua avó o gesto espontâneo de que nos tenha feito parte, somente peço a Deus que te conserve sempre amante e respeitosa com os que te deram o ser.

– E qual era o outro escrito? – Perguntou Marisol tratando de diminuir a importância das palavras moralistas e dissimuladas do bisavô.

Anita María lhe mostrou um recorte que parecia de jornal diário; já estava amarelado com o título *Almanaque*, com data de 1951 assinado por alguém chamado

Carlos Rene Correa. E surpreendentemente Anita, quem durante toda sua vida se havia limitado a escutar as leituras de sua irmã, tomou o recorte e o declamou sem parar, como transportada a uma peça de teatro daquelas que punham em cena quando meninas:

Junto das ânforas de barro ficou esquecida nossa infância; a casa grande as tinha como zelosas guardiãs de sua utilidade rural. O oleiro crioulo as moldou bojudas e com um só olho para olhar o céu.

Serviram em outros tempos nas adegas carregadas de penetrante odor de vinhos que fermentam; foram ventres de terra para conter o sangue das vinhas que em todos os outonos se derrama de seus cachos...

Agora estão as ânforas irmanadas pela erva que não tem nome próprio, perto do muro de tijolos. Eu as queria como boas irmãs que me ajudavam nos jogos infantis e nas quais encontrava refúgio seguro quando cabulava aulas e ficava sem escola.

De suas entranhas agora lhes brotam uns cardeais verdes e retorcidos braços que quebram em chamas de tempo em tempo; os pardais têm feito ninho em seu coração e a água da chuva, penetra-os com sua musical presença.

Nas manhãs de inverno amanheciam úmidas e exalando aroma de terra e eram iguais às governantas que durante todo o dia transitavam pelos corredores do casarão.

Têm estado paradas repousando sobre a terra como um ramo de argila que não quer fugir da terra natal, as ânforas estão agora em nossos olhos e nossas palavras e para elas regressamos urgidos pela necessidade de saber de novo desses anos aldeões. Como um símbolo da terra as ânforas vivem ao amparo das sombras das árvores antigas do parque abandonado no qual cresce o musgo rasteiro; desde as telhas cai um batismo de orvalho e nos aproximamos delas para viver a idade que teve verdes brotos e uma floração agreste que não cabe agora no tempo.

Marisol ficou pensativa e por fim completou:

– Muito *sentimental* haveria dito minha própria mãe... É impressionante que o tenha guardado por tantos anos, está claro que para ela tinha algum outro significado...

Depois de um longo silêncio Marisol continuou:

– Sabe em quem tenho pensado estes dias? No louquinho de Totihue: Albornoz, que algo pelo menos também devia saber sobre essas *Ânforas*. Nunca esqueci das ocasiões em que estava mal; aparecia na noite, em mangas de camisa, com três velas acesas e

chamando meu avô: *seu Vito, seu Vito* repetia e parecia ter muito medo... Minha avó se assustava e não era só pela loucura de Albornoz, havia algo mais... Como se fosse uma peça de uma trama, que a qualquer momento poderia provocar uma demolição geral... *Tranquilo homem*, respondia-lhe meu avô, *vá para sua casa que você vai ficar doente vestido assim, no meio do frio que faz aí fora*. Albornoz parecia se tranquilizar com a voz firme, mas demorava horas para ir embora e muitas vezes, o avô o deixava ficar na cocheira. Nesse caso, ele só partia ao amanhecer...

Anita María que recém começava a reagir depois da longa leitura do recorte, exclamou:

– Claro que tampouco esqueci! Debruçado pelo vidro da janela que dava para o cômodo das minhas tias e com as velas acesas nas mãos. Mas não era só a avó que se assustava; a tia Laura também tinha terror!

Marisol retomou seu relato, referindo-se agora a estas outras ocasiões em que Albornoz estava bem e permanecia imóvel na porta de sua choça.

– Suas mãos. – Continuou – Pareciam ter vida própria e faziam prolixamente cântaros e ânforas de junco, às vezes, esse grande cavalo com cabelo de crina autênticos que nos chamava tanto a atenção. Contudo, a única que deixava nos aproximarmos e tocar o cabelo era mina tia Graciela. Nessas oportunidades, Albornoz nos cumprimentava e sorria com orgulho.

Anita María se limitou a escutar sua irmã e depois acrescentou:

– Você não se lembra como cantava antes de começar a chover? Meu avô, digno primo de Muñoz Ferrada avisava cada vez que haveria um tremor, porque sabia interpretar o uivo dos cachorros, mas também anunciava chuva, ao escutar o canto de Albornoz. Lembro até de uma parte da canção: *Vai chover, a velha está na cova, os passarinhos cantam, as Senhoras se levantam...*

Marisol ficou por um longo instante pensativa e, por último, pronunciou à sua irmã sem muita vontade de fazê-lo:

– Você sabe que minha imaginação de menina havia deixado para sempre Albornoz no campo dormindo até o amanhecer na cocheira do avô quando estava assustado, porque o perseguiam ou então fazendo criações de junco em frente à sua choça? Mas há poucos dias, conversando com mina tia Graciela, ela me contou que Albornoz foi

para o Hospício de Santiago e como nesses anos ela quis saber como estava, foi vê-lo de motoneta.

– Verdade que minha tia causou um reboiço, não apenas na família, mas também no campo e no povoado quando comprou essa motoneta! Nesse tempo era um escândalo uma mulher andar de moto e, todavia, mais com essas calças de listras que ela usava! – Exclamou Anita María.

– Sim sobre a moto é divertido, mas não a descrição que me fez do Hospício. Disse que Albornoz a reconheceu; estava atrás de umas grades como se fosse um bandido, em péssimas condições e junto a um monte de outros loucos, que se penduravam e despenduravam dos barrotes quando a viram. Foi tanta sua impressão que nunca mais voltou. Só se lembra do que o Albornoz lhe disse e ela atribui a delírios persecutórios: *Cuide-se Chigüita e cuide de seu Vito, que as três senhoras podem atacá-los...*

NOTAS

Todas as notas a seguir são do tradutor:

ⁱ No original, Tinaja – Vasilha grande de barro, muito mais larga no meio que no fundo e na boca. A tradução pode ser cântaro ou ânfora – mantereí ânfora, porque é feminino.

ⁱⁱ Apelido de uma personagem do povoado inspirado numa espécie de roedor típico da fauna Chilena. Nome científico: Spalacopus cyanus.

ⁱⁱⁱ “Nadie dijo nada”, típica expressão chilena e que em 1971 deu nome ao filme dirigido por Raúl Ruiz

^{iv} Que fazem Cahuín - Ditado mapuche, usado em todo o país que significa fofoca ou comentário mal intencionado; enredo armado com a finalidade de confundir ou enganar.

^v Carreta de passeio típica, existente em alguns povoados e cidades do Chile.

^{vi} Vindimadura – temporada de colheita das uvas.

^{vii} Chonchones, também conhecidos como Tué-Tués (devido ao som característico que produzem) são aves noturnas semelhantes a corujas e típicas da fauna chilena. Segundo lendas Mapuches, são bruxos transformados em pássaros. Segundo as crenças, se alguém lhes oferecer comida, voltarão no dia seguinte transformados em seres humanos para cobrar o que foi oferecido e, caso a pessoa que ofereceu não cumpra com o prometido, será castigado com males ou enfermidades.

Também há crenças de que o canto deste pássaro prenuncia mortes e tragédias.

Corujas também são associadas com bruxarias e males.

^{viii} **TODAS ÍBAMOS A SER REINAS**

Gabriela Mistral

Todas íbamos a ser reinas,
de cuatro reinos sobre el mar:
Rosalía con Efigenia
y Lucila con Soledad.

En el valle de Elqui, ceñido
de cien montañas o de más,
que como ofrendas o tributos
arden en rojo y azafrán,

Lo decíamos embriagadas,
y lo tuvimos por verdad,
que seríamos todas reinas
y llegaríamos al mar.

Con las trenzas de los siete años,
y batas claras de percal,

persiguiendo tordos huidos
en la sombra del higueral,

De los cuatro reinos, decíamos,
indudables como el Korán,
que por grandes y por cabales
alcanzarían hasta el mar.

Cuatro esposos desposarían,
por el tiempo de desposar,
y eran reyes y cantadores
como David, rey de Judá.

Y de ser grandes nuestros reinos,
ellos tendrían, sin faltar,
mares verdes, mares de algas,
y el ave loca del faisán.

Y de tener todos los frutos,
árbol de leche, árbol del pan,
el guayacán no cortaríamos
ni morderíamos metal.

Todas íbamos a ser reinas,
y de verídico reinar;
pero ninguna ha sido reina
ni en Arauco ni en Copán.

Rosalía besó marino
ya desposado en el mar,
y al besador, en las Guaitecas,
se lo comió la tempestad.

Soledad crió siete hermanos
y su sangre dejó en su pan,
y sus ojos quedaron negros
de no haber visto nunca el mar.

En las viñas de Montegrando,
con su puro seno candeal,
mece los hijos de otras reinas
y los suyos no mecerá.

Efigenia cruzó extranjero
en las rutas, y sin hablar,
le siguió, sin saberle nombre,
porque el hombre parece el mar.

Y Lucila, que hablaba a río,
a montaña y cañaverál,
en las lunas de la locura

recibió reino de verdad.

En las nubes contó diez hijos
y en los salares su reinar,
en los ríos ha visto esposos
y su manto en la tempestad.

Pero en el Valle de Elqui, donde
son cien montañas o son más,
cantan las otras que vinieron
y las que vienen cantarán:

—«En la tierra seremos reinas,
y de verídico reinar,
y siendo grandes nuestros reinos,
llegaremos todas al mar».

^{ix} Segundo a história da Virgem de Carmem, em 16 de julho de 1251, o superior da ordem religiosa dos Carmelitas se encontrava em sua cela orando quando a Santíssima Virgem apareceu e entregou a ele o escapulário café da ordem e disse: "Aquele que morrer vestido com este escapulário, não sofrerá o fogo eterno."

^x Cardenal é o nome que se dá no Chile a várias espécies de gerânios.

^{xi} Planta medicinal comumente utilizada para úlceras e transtornos digestivos.

^{xii} *Petroselinum crispum* – erva geralmente cultivada para utilização como condimento.

^{xiii} N. do T: Pequenos círculos de papel, talvez palavra originária de *Cnidocolus Chayamansa* – planta facilmente encontrada na península de Yucatan, cujas folhas são semelhantes às de couve. Utilizada para fins medicinais e alimentícios pelos Maias desde tempos pré-hispânicos.

^{xiv} N. do T: grupo de mascarados, de foliões que representava tema do carro alegórico.

^{xv} Arbusto espinhoso da família mimosáceas (*Acacia farnesiana*), de flores amarelas muito perfumadas.

^{xvi} Volantines – “papagaios” ou “pipas” são bastante tradicionais no Chile, podendo ser considerados como verdadeiros símbolos nacionais e se convertendo nos atores principais de diversas festas e jogos. Em setembro, coincidindo com a chegada da primavera no Chile, ocorrem diversas comemorações pela independência do país. Essa estação climática traz consigo muitos ventos, propiciando o cenário ideal para competições conhecidas como “corridas de volantines” que cobrem o céu chileno com as mais variadas formas e cores.

^{xvii} Blackburry, *Amora Americana*.

^{xviii} Mantelito Blanco (Canção folclórica chilena):

Mantelito blanco de la humilde mesa
en el que compartimos el pan familiar.
Mantelito blanco hecho por mi madre
en horas de invierno de nunca acabar.

Tienen tus dibujos figuras pequeñas
avecitas locas que quieren volar,
las bordó mi madre en aquellas noches
que junto a mi cuna me enseñó a rezar.

Hay dos letras grandes en el mantelito,
letras veneradas que he de recordar.
son las iniciales de mis dos viejitos
ausentes por siempre, por siempre jamás.

^{xxix} Expressão idiomática chilena que significa “mesa separada na qual se sentam as pessoas jovens ou de confiança.”

^{xxx} Acusete/ Carecuete/ Cinco panes y un bonete - dito popular chileno.

^{xxxi} Medida equivalente a 21 centímetros.

^{xxxii} Primeira revista infantil chilena. Teve sua 1ª edição em 1908.

^{xxxiii} Emilio Salgari (Verona, 21 de agosto de 1862 - Turim, 25 de abril de 1911): escritor e jornalista italiano. Escreveu principalmente romances de aventuras, ambientados nos lugares mais variados, como a Malásia, o Mar do Caribe, a selva indiana, o oeste dos Estados Unidos e até mesmo os mares do Ártico. Criou personagens que alimentaram a imaginação de milhões de leitores. Talvez o mais conhecido de seus personagens seja o pirata Sandokán. Nos países de língua hispânica, sua obra foi particularmente popular, pelo menos até duas gerações atrás. “Capitão Tormenta”: O Capitão Tormenta (Capitan Tempesta, 1905) e O Leão de Damasco (Il Leone di Damasco, 1910).

ARRESTE